



Retrato das Mulheres no Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Diagnóstico e caminhos para a equidade

Retrato da Economia Capixaba

Elaborado por: André Spalenza, Felipe Montini e Eduarda Gripp.

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

Dados do ES



4,2%

Taxa de desocupação feminina



38 mil

Mulheres desocupadas no estado



9,6h

Horas semanais a mais dedicadas aos afazeres domésticos



205 mil

Mulheres empreendem no estado

PARTICIPAÇÃO NO MERCADO



52,4%

Mulheres



73,3%

Homens

SETORES DE ATUAÇÃO

84,1% das mulheres ocupadas estão em Serviços e Comércio

73,5%

Saúde

78,1%

Educação

95,8%

Trabalho Doméstico

MERCADO DE TRABALHO FORMAL



-23,8%

Diferença salarial: mulheres recebem menos que os homens



28.893

Faxineiras - ocupação com maior número de mulheres



94,1%

Dos trabalhadores domésticos são mulheres



38%

Dos cargos de direção e gerência ocupados por mulheres

INTRODUÇÃO

A presença feminina no mercado de trabalho é um dos pilares do desenvolvimento econômico e social do Espírito Santo. Nos últimos anos, as mulheres têm ampliado sua participação em diversos setores, conquistando novos espaços e transformando realidades, ainda que enfrentem desafios relacionados à desigualdade de oportunidades, à diferença salarial e à dupla jornada de trabalho.

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho é um fenômeno presente em praticamente todas as sociedades, ainda que em diferentes graus de intensidade. Essa desigualdade se manifesta de diversas formas, com as mulheres recebendo salários mais baixos, tendo menor participação na força de trabalho e enfrentando menos oportunidades de ascensão e liderança, resultando em um padrão persistente de discriminação estrutural.

Um dos principais mecanismos dessa desigualdade é a segregação ocupacional de gênero, associada ao chamado “teto de vidro”, expressão que descreve as barreiras invisíveis que dificultam o avanço das mulheres a cargos de comando e decisão. Assim, as mulheres permanecem sub-representadas em posições de chefia e liderança, enquanto suas ocupações se concentram em setores tradicionalmente femininos, como educação, saúde e serviços domésticos, áreas fundamentais, mas socialmente desvalorizadas e com remunerações mais baixas.

De acordo com o estudo Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil¹, do IBGE, apenas 39,3% dos cargos gerenciais no país são ocupados por mulheres.

A pesquisa Mulheres em Ações², realizada pela B3 reforça esse quadro: a cada 100 empresas com ações negociadas na bolsa brasileira, 61 não possuem mulheres em cargos de diretoria estatutária, e 37 não contam com participação feminina em seus conselhos de administração. Esses resultados evidenciam a dificuldade de inserção e progressão das mulheres em posições de liderança, revelando como estereótipos de gênero, padrões culturais, ausência de redes de apoio e práticas organizacionais excludentes contribuem para perpetuar o “teto de vidro” no ambiente corporativo.

A desigualdade também se expressa de forma relevante nas diferenças salariais.



O 3º Relatório de Transparência Salarial e Critérios Remuneratórios, elaborado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) com base em informações de empresas com mais de 100 empregados, mostra que, em média, as mulheres recebem 20,9% menos do que os homens no Brasil.

No caso do Espírito Santo, entre 1.052 grandes empresas analisadas, a disparidade se mostrou ainda maior, com os homens ganhando, em média, 28,53% a mais que as mulheres. Essa é a segunda maior diferença de rendimentos entre os estados, praticamente empatada com o Paraná(28,54%). Embora o relatório aponte redução de 0,72 ponto percentual em relação a 2023, quando o estado ocupava o primeiro lugar em desigualdade salarial de gênero, o

dado evidencia a persistência de um cenário de forte assimetria entre homens e mulheres no mercado de trabalho capixaba.

A partir desse contexto, o presente relatório teve como propósito traçar um retrato abrangente da participação das mulheres no mercado de trabalho do Espírito Santo.

A análise foi elaborada com base em diferentes fontes de dados oficiais, incluindo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua/IBGE), em suas versões trimestral e anual, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE), e o Painel de Informações do Trabalho Doméstico, também do Ministério do Trabalho e Emprego.

O estudo buscou identificar a situação feminina em relação à taxa de desocupação, níveis de informalidade e participação na força de trabalho, além

de analisar os tipos de ocupação, setores econômicos e atividades em que a presença das mulheres é mais expressiva.

Taxa de Desocupação

Taxa de desocupação das mulheres é de 4,2%, superior à dos homens (2,3%)

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua/IBGE), a taxa de desocupação no Espírito Santo recuou para 3,1% no segundo trimestre de 2025, atingindo o menor patamar da série histórica iniciada em 2012. Em relação ao trimestre anterior, a redução foi de 0,9 ponto percentual, o que evidencia um mercado de trabalho aquecido e dinâmico.

Com esse resultado, o estado registrou a menor taxa de desemprego da Região Sudeste e a quinta menor do país, enquanto a média nacional no mesmo período foi de 5,8%. Esse desempenho reflete um cenário próximo ao pleno emprego, em que a maior parte da força de trabalho está ocupada e aqueles que procuram uma colocação conseguem inserção de forma relativamente rápida.

Diante desse contexto, as prioridades das políticas públicas tendem a se deslocar do foco tradicional na criação de novos postos de trabalho para questões relacionadas à qualidade dos vínculos laborais, ao

enfrentamento de gargalos setoriais, especialmente em áreas que demandam maior qualificação, e à redução das desigualdades estruturais, entre elas a desigualdade de gênero.

Taxa de Desocupação no Espírito Santo



Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



Ao analisar a taxa de desocupação por sexo, observa-se uma persistente desigualdade de gênero no mercado de trabalho capixaba. Desde o início da série histórica da PNAD Contínua, em 2012, a taxa de desocupação das mulheres tem sido consistentemente superior à dos homens no Espírito Santo, evidenciando uma inserção mais frágil das trabalhadoras no mercado de trabalho.

No segundo trimestre de 2025, a taxa de desocupação feminina foi de 4,2%, enquanto entre os homens ficou em 2,3%, uma diferença de 1,9 ponto percentual. Embora essa disparidade ainda exista, observa-se uma tendência de redução nos últimos anos, acompanhando o movimento geral de queda do desempre-

go no estado, que atingiu o menor nível da série histórica.

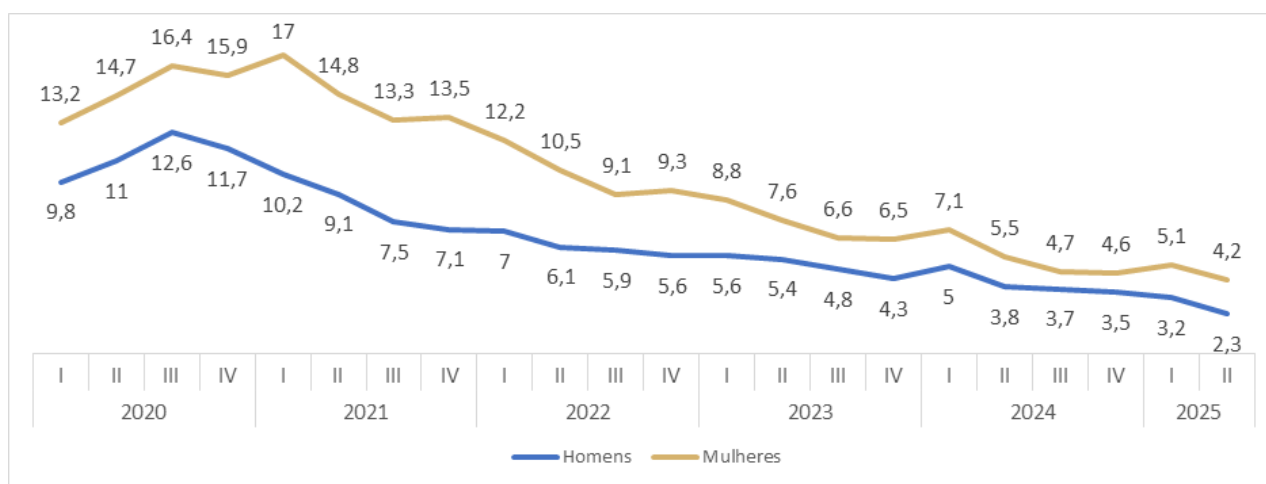
No primeiro trimestre de 2021, período fortemente impactado pela crise sanitária, a taxa de desocupação feminina chegou a 17%, ficando 6,8 pontos percentuais acima da masculina. Desde então, a diferença entre os sexos vem diminuindo gradualmente, alcançando o menor patamar no terceiro trimestre de 2024, quando foi de apenas 1 ponto percentual.



Apesar dessa melhora, a desigualdade de gênero nos níveis de ocupação ainda é uma realidade no Espírito Santo. Esse cenário reforça a importância

de ampliar e fortalecer políticas públicas voltadas à inserção e permanência das mulheres no mercado de trabalho.

Taxa de Desocupação por Sexo no Espírito Santo, por trimestre



Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



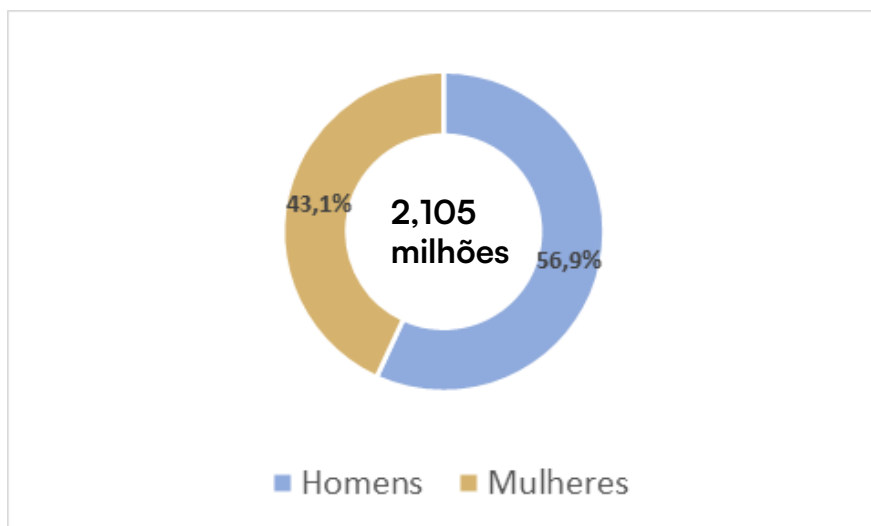
Força de trabalho e participação feminina

Apenas 52,4% das mulheres em idade ativa participam do mercado de trabalho, contra 73,3% dos homens.

No 2º trimestre de 2025, o Espírito Santo contava com 2,105 milhões de pessoas na força de trabalho, ou População Economicamente Ativa (PEA), composta tanto por pessoas ocupadas quanto por aquelas que buscam emprego. Deste total, 43,1% são

mulheres (aproximadamente 908 mil) e 56,9% são homens (cerca de 1,197 milhão). Ao mesmo tempo, as mulheres representam a maior parte da população com idade acima de 14 anos, correspondendo a 51,5% do total no estado.

Força de Trabalho no Espírito Santo, 2º Tri/25



Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Esses dados mostram que, apesar de serem maioria na população em idade ativa, as mulheres apresentam menor participação na força de trabalho, refletindo desigualdades estruturais de gênero que ainda limitam sua inserção plena no mercado laboral. Enquanto 73,3% dos homens com idade acima de 14 anos estão inseridos no mercado de trabalho, entre as mulheres esse percentual é de apenas 52,4%, abaixo da média nacional, que é de 53,1%.

A baixa participação feminina decorre de um conjunto de fatores estruturais e sociais. As mulheres ainda assumem a maior parte do trabalho não remunerado, que inclui cuidar de filhos e idosos, bem como a execução das tarefas domésticas, o que limita o tempo disponível para atividades remuneradas.

Além disso, a falta de infraestrutura de apoio, como creches, escolas em tempo integral e serviços de cuidado aos idosos, força muitas mulheres a saírem do mercado de trabalho para atender a essas demandas. Esse impacto é mais acentuado em famílias de baixa renda, nas quais se torna inviável contratar serviços privados de cuidado.

Outro fator importante está relacionado às expectativas culturais sobre os papéis de gênero, que historicamente atribuem ao homem o papel de “provedor” e à mulher o de “cuidadora”.



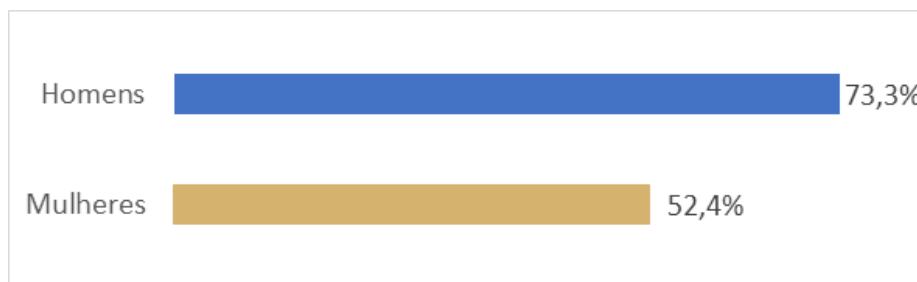
Esses padrões ainda influenciam tanto as decisões familiares quanto as práticas do mercado de trabalho, levando, por exemplo, à resistência de alguns empregadores em contratar mulheres em idade fértil, por associarem esse grupo a maiores responsabilidades familiares e eventuais afastamentos.

De acordo com o estudo Empreendedorismo Feminino⁴, realizado pelo Sebrae, 64% das empreendedoras capixabas afirmaram que a necessidade de cuidar dos filhos influenciou fortemente a decisão de abrir um negócio. Além disso, 63% relataram já ter deixado de realizar atividades pessoais ou profissionais para cuidar de filhos, idosos ou outros familiares, e 74% declararam sentir-se sobre

carregadas ao conciliar a gestão do negócio com as demandas familiares.

Como resultado, muitas mulheres interrompem a trajetória profissional após a maternidade e enfrentam barreiras para retornar ao mercado de trabalho formal, em razão da perda de experiência e da descontinuidade das contribuições previdenciárias. Esses fatores afetam diretamente seus salários e oportunidades de ascensão. Nessa conjuntura, o empreendedorismo feminino muitas vezes surge mais como uma estratégia de necessidade do que como uma escolha voluntária, funcionando como alternativa para gerar renda diante das restrições impostas pela dupla jornada e pela desigualdade de gênero no trabalho.

Taxa de Participação na Força de Trabalho por Sexo, Espírito Santo, 2º Tri/25

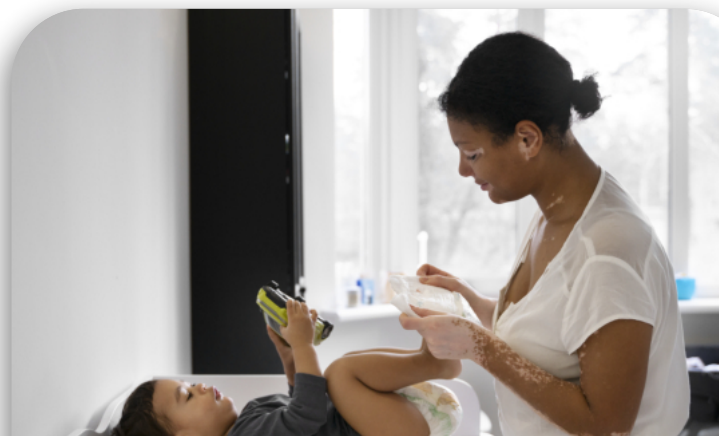


Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

De acordo com a pesquisa voltada às “Outras Formas de Trabalho”, da PNAD/IBGE, realizada em 2022, as mulheres capixabas dedicam, em média, 21,5 horas semanais aos afazeres domésticos e às tarefas de cuidado de pessoas, incluindo crianças, idosos e outros membros da família. Esse valor corresponde a 9,6 horas a mais do que os homens dedicam às mesmas atividades⁵.

Entre as mulheres ocupadas, a média semanal é de 18,3

horas, o que corresponde a 6,8 horas a mais do que os homens ocupados, e até mais do que os homens não ocupados (13,1 horas). Já as mulheres não ocupadas dedicam, em média, 24,8 horas semanais aos afazeres domésticos e ao cuidado, ou seja, mais de um dia inteiro na semana apenas nessas atividades.



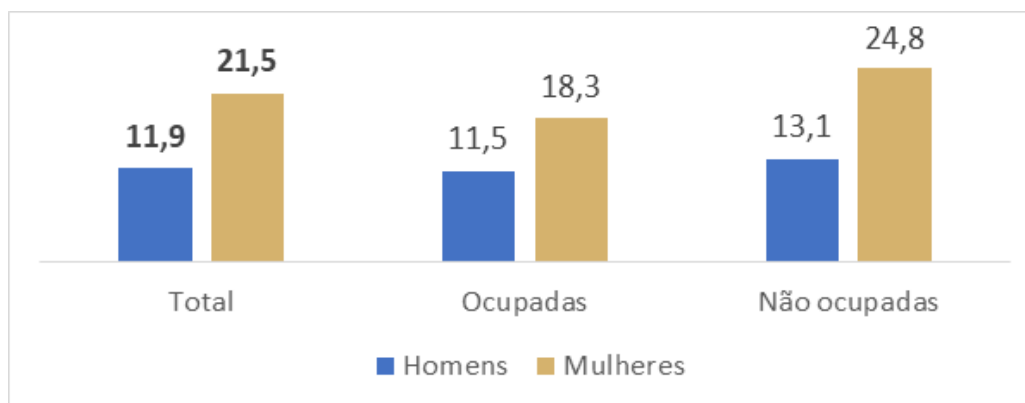
Considerando uma jornada regular de trabalho de 8 horas diárias, as mulheres trabalham, em média, o equivalente a 1,2 dias a mais do que os homens apenas com tarefas domésticas e de cuidado. Esse trabalho, muitas vezes invisível e não remunerado, explica em grande parte a menor participação feminina no mercado de trabalho, pois limita o tempo disponível para atividades remuneradas.

Além disso, essa dupla jornada faz com que, mesmo inseridas no mercado de trabalho, as mulheres tenham menos tempo para descanso, lazer e qualificação profissional, reduzindo oportunidades de progressão na carreira.

A divisão desigual dessas responsabilidades contribui para a perpetuação da desigualdade de gênero, impactando negativamente o bem-estar e a saúde mental das mulheres.



Média de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas (Horas)



Fonte: PNAD Contínua Anual — Outras Formas de Trabalho/IBGE.
Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Características Populacionais e Ocupacionais

Apesar de serem maioria, mulheres representam 42,7% dos ocupados

No 2º trimestre de 2025, o número de ocupados no Espírito Santo alcançou 2,039 milhões, dos quais 42,7% são mulheres, totalizando 870 mil. Em contrapartida, o número de mulheres fora da força de trabalho é de 825 mil, representando 65,4% do total, quase o dobro em relação aos homens nessa situação.



Com a taxa de desemprego atingindo o menor nível da série histórica, de 3,1%, apenas 65 mil pessoas permanecem desocupadas no estado. Dentre elas, 38 mil são mulheres, correspondendo a 58,5% da população desocupada.

Além de enfrentarem maiores taxas de desemprego e menor participação no mercado de trabalho, as mulheres também recebem rendimentos inferiores aos dos homens. No Espírito Santo, o rendimento médio das mulheres é de R\$ 2.878, valor 21,4% menor que a média masculina, que alcança R\$ 3.663. Essa diferença evidencia as desigualdades persistentes tanto nas oportunidades de inserção quanto na valorização do trabalho feminino.

Nesse cenário, há um considerável contingente de mulheres em idade economicamente ativa com potencial para ingressar no mercado de trabalho. Para ampliar sua participação, é fundamental implementar medidas e incentivos que forneçam suporte adequado, incluindo políticas voltadas à inserção, valorização salarial e oportunidades de ascensão profissional, de modo a reduzir as desigualdades de gênero e fortalecer a presença feminina em setores estratégicos da economia capixaba.



Características Populacionais e Ocupacionais (mil pessoas), ES, 2º Tri/25

Espírito Santo	Homens	Mulheres	Total	Participação Feminina
Pessoas de 14 anos ou mais	1.633	1.733	3.366	51,5%
Força de Trabalho (PEA)	1.197	908	2.105	43,1%
Ocupados	1.170	870	2.039	42,7%
Ocupados em situação de informalidade	480	299	779	38,4%
Desocupados	27	38	65	58,5%
Fora da Força de Trabalho	436	825	1.261	65,4%
Rendimento*	R\$ 3.663	R\$ 2.878	R\$ 3.334	-

Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Rendimento médio mensal habitualmente recebido no trabalho principal.

Informalidade

Taxa de informalidade feminina é menor que a dos homens

Apesar das dificuldades de inserção no mercado de trabalho e da maior taxa de desemprego, a informalidade é menor entre as mulheres do que entre os homens no Espírito Santo. No 2º trimestre de 2025, o estado contava com

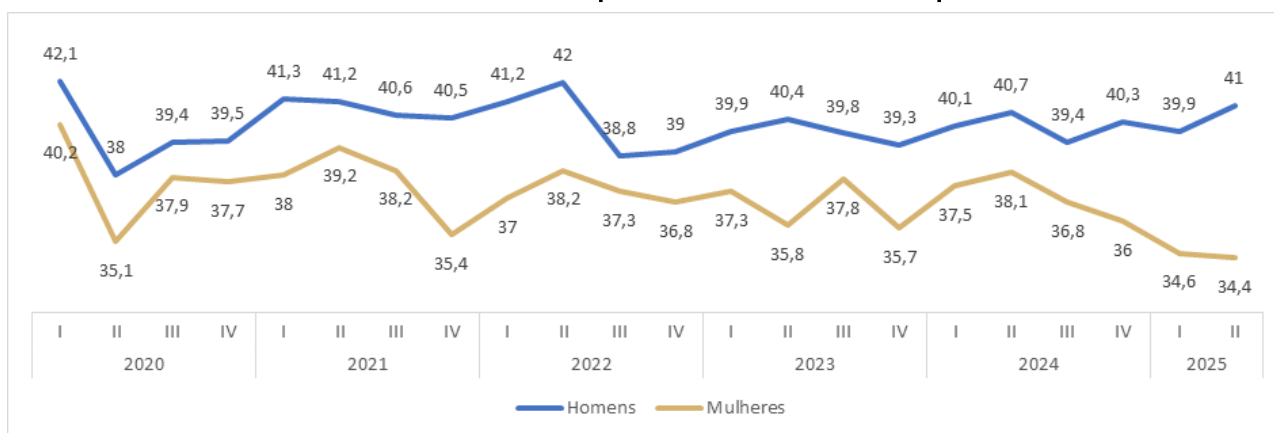
799 mil pessoas ocupadas em situação de informalidade, sendo 299 mil mulheres e 480 mil homens. Com isso, a taxa de informalidade feminina foi de 34,4%, inferior à dos homens, que atingiu 41% no mesmo período.

Esses dados refletem um padrão histórico da informalidade no estado. Desde que a taxa de informalidade passou a ser calculada pelo IBGE, no quarto trimestre de 2015, as mulheres vêm apresentando níveis consistentemente menores de informalidade em comparação aos homens.

Esse comportamento pode ser explicado por diversos fatores. Primeiramente, há uma maior presença feminina em setores com níveis mais elevados de formalização, como educação, saúde e

administração pública, como será detalhado a seguir. Em segundo lugar, fatores culturais e sociais fazem com que as mulheres apresentem maior tendência a buscar estabilidade e segurança no emprego. Por fim, como a participação feminina no mercado de trabalho é relativamente menor, aquelas que estão inseridas tendem a ter maior escolaridade e qualificação, perfil que se ajusta melhor às ocupações regulamentadas e formais.

Taxa de Informalidade por Sexo no Espírito Santo



Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

A seguir, são apresentadas análises que permitem identificar alguns elementos explicativos da menor informalidade feminina no Espírito Santo. Para isso, são utilizados os dados consolidados da PNAD anual de 2024, que oferecem informações abrangentes sobre o mercado de trabalho

no estado. Os dados agregados anualmente possibilitam uma análise detalhada da inserção das mulheres no mercado de trabalho, permitindo observar os setores, tipos de ocupação e grupos ocupacionais em que predominam.

Tipo de ocupação

Mulheres são apenas 28,8% dos Empregadores no estado

A maior parte das mulheres ocupadas no Espírito Santo atua na condição de Empregadas, representando 64,7% das ocupações femininas. Entre essas, 30,3% trabalham de forma informal, sem carteira assinada e sem vínculo formal, o que gera instabilidade laboral, limita o acesso a direitos trabalhistas e previdenciários e compromete a segurança financeira das trabalhadoras.

Outro ponto relevante é a presença feminina no funcionalismo público, onde as mulheres representam 57,7% do total de servidores públicos no estado. No total, 8,5% das mulheres ocupadas são funcionárias públicas. Por se tratar de uma forma de ocupação formal, esse é um dos fatores que contribui para a menor taxa de informalidade feminina no Espírito Santo.

Em relação aos Empregadores, grupo que inclui empresários e empreendedores que exploram seus próprios negócios e geram empregos, as mulheres representam apenas 28,8% do total.

Esse baixo nível de participação evidencia uma lacuna de gênero no empreendedorismo estadual, reforçando a necessidade de políticas voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo feminino, como facilitação de crédito, acesso à informação e capacitação.

Por outro lado, observa-se que entre as mulheres empregadoras há um elevado nível de formalização, com apenas 19,4% atuando sem CNPJ. Já a categoria de trabalhadores por “Conta Própria”, que reúne autônomas e microempendedoras individuais

como psicólogas, fisioterapeutas, nutricionistas, cabelereiras, costureiras, massagistas e profissionais freelancers, entre diversas outras, corresponde a 19,7% das ocupações femininas. Ao todo, as mulheres representam 34,2% dos trabalhadores por conta própria no estado. Contudo, essa categoria apresenta alto grau de informalidade, com 63,4% das mulheres atuando sem CNPJ, sendo o segmento que mais impacta a informalidade feminina no Espírito Santo.



Dessa forma, a informalidade feminina no estado não se limita à precariedade nos vínculos empregatícios, mas também se manifesta na informalidade empresarial ou produtiva, caracterizada pela ausência de registro formal da atividade econômica. A falta de formalização restringe o acesso das trabalhadoras a crédito, emissão de notas fiscais e contratos, limitando

seu crescimento profissional e a inserção em cadeias produtivas estruturadas.

O estímulo à formalização das trabalhadoras por conta própria pode trazer maior segurança econômica, ampliando a proteção social, aumentando o acesso a oportunidades e contribuindo para elevar a competitividade e a produtividade da economia estadual.

Mulheres Ocupadas, por tipo de ocupação, ES, 2024

Tipo de ocupação	Mulheres	Participação Feminina	Distribuição	Informalidade
Conta Própria	176.977	34,2%	19,7%	63,4%
Com CNPJ	64.758	38,9%	7,2%	-
Sem CNPJ	112.219	32,0%	12,5%	-
Empregado	581.120	44,5%	64,7%	30,3%
Com carteira assinada	345.230	41,3%	38,4%	-
Sem carteira assinada*	235.890	50,0%	26,2%	-
Empregador	28.856	28,8%	3,2%	19,4%
Com CNPJ	23.267	29,3%	2,6%	-
Sem CNPJ	5.589	27,0%	0,6%	-
Funcionário público	76.693	57,7%	8,5%	0,0%
Indeterminado	35.171	79,5%	3,9%	100,0%

Fonte: PNAD Contínua Trimestral/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*O número de mulheres atuando como “Empregadas sem carteira assinada” atuando informalmente é de 176.339. Isso ocorre pois existem formas de contratação, principalmente no setor público, que não possuem carteira assinada, mas também não são informais, como servidores temporários e comissionados, por exemplo.

Ocupadas por Setor

Serviços e Comércio concentram 84,1% das mulheres ocupadas

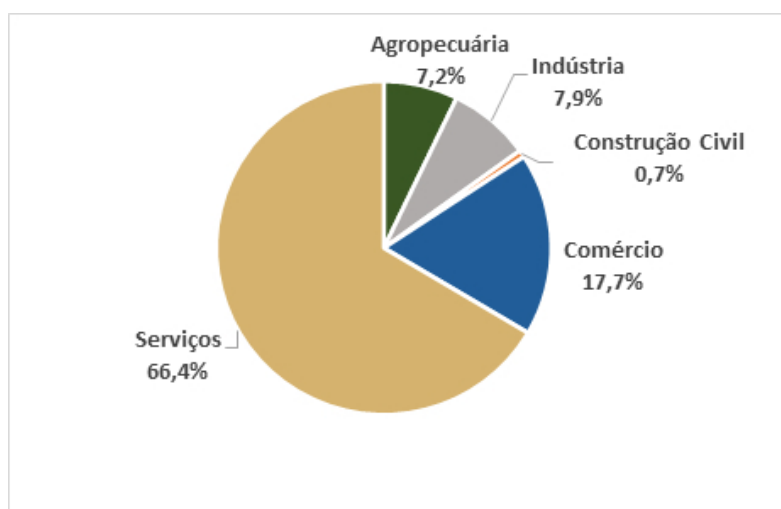
Com relação à distribuição por setor econômico, observa-se uma forte concentração feminina no setor de Serviços. No total, mais de dois terços (66,4%) das mulheres ocupadas no estado atuam nesse setor. Em seguida, aparece o Comércio, que emprega 17,7% das mulheres. Combinados, Comércio e Serviços concentram 84,1% das mulheres no mercado de trabalho do Espírito Santo. Essa predominância reflete não apenas a importância do setor terciário para a empregabilidade feminina, mas também evidencia a segmentação de gênero no

mercado de trabalho. Muitos desses postos são caracterizados por baixa remuneração, menor proteção social e oportunidades limitadas de ascensão profissional.

A elevada concentração feminina nesses setores contribui para a manutenção da disparidade salarial entre homens e mulheres, restringindo o acesso das mulheres a outras áreas de maior produtividade e ocupações mais tecnológicas, nas quais os rendimentos são mais elevados e as oportunidades de crescimento profissional são maiores.



Distribuição das Mulheres ocupadas por Setor, ES, 2024



Fonte: PNAD Contínua Anual/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

O setor de Serviços é o único em que as mulheres são maioria, representando 57,6% dos ocupados. Destaca-se, em particular, a ampla presença feminina nas atividades relacionadas à chamada “Economia do Cuidado”, que compreende tanto o cuidado direto, como crianças, idosos, pessoas doentes ou com deficiência, quanto o cuidado indireto, relacionado ao trabalho doméstico e à manutenção do lar.

Esse conjunto de atividades inclui serviços de saúde, com enfermeiras, cuidadoras e médicas, de educação, com professoras e monitoras escolares, e o trabalho doméstico, com faxineiras, cozinheiras e outras ocupações remuneradas ou não. No Espírito Santo, a participação feminina nessas áreas é expressiva: 78,1% na Educação, 73,5% na Saúde Humana e Serviços Sociais, e 95,8% nos Serviços Domésticos.

Esses três grupos correspondem a 50,5% das mulheres ocupadas no setor de serviços e 33,5% das ocupações femininas no estado.

No segmento de Alojamento e Alimentação, que envolve hotéis, pousadas, bares e restaurantes, e se conecta indiretamente à Economia do Cuidado ao oferecer conforto, alimentação e acolhimento, a participação feminina também é elevada, chegando a 64%, representando 7,4% do total de mulheres ocupadas no estado.

De forma geral, 4 em cada 10 mulheres ocupadas no Espírito Santo trabalham em atividades relacionadas ao cuidado (educação, saúde e serviços domésticos) ou na chamada economia da hospitalidade (alojamento e alimentação). Em contraste, grandes setores

como Indústria, Agropecuária e Construção Civil concentram uma participação feminina significativamente menor, representando, respectivamente, 7,9%, 7,2% e 0,7% das ocupações femininas, totalizando apenas 15,9% das mulheres ocupadas no estado. Por sua vez, os homens apresentam uma distribuição mais equilibrada entre os setores: Serviços (36,5%), Comércio (19,6%), Agropecuária (17,3%), Indústria (14,9%) e Construção Civil (11,7%).

Com isso, as mulheres permanecem sub-representadas em setores tradicionalmente masculinos, que costumam oferecer maior estabilidade, e, muitas vezes, melhores salários. Ampliar a presença feminina nesses segmentos pode contribuir para promover maior diversidade e equidade no mercado de trabalho capixaba.

Pessoas Ocupadas por Setor, ES, 2024

SETORES	Homens		Mulheres*		Total	Participação Feminina
	Total	Distribuição	Total	Distribuição		
Agropecuária	208.621	17,3%	64.424	7,2%	273.045	23,6%
Indústria	179.211	14,9%	71.059	7,9%	250.270	28,4%
Construção Civil	140.910	11,7%	6.159	0,7%	147.069	4,2%
Comércio	235.377	19,6%	159.156	17,7%	394.533	40,3%
Serviços	438.741	36,5%	597.010	66,4%	1.035.751	57,6%
Educação	29.059	2,4%	103.750	11,5%	132.809	78,1%
Saúde Humana e serviços sociais	36.931	3,1%	102.628	11,4%	139.559	73,5%
Serviços domésticos	4.152	0,3%	95.356	10,6%	99.508	95,8%
Alojamento e alimentação	37.651	3,1%	66.835	7,4%	104.486	64,0%
Outras atividades de serviços	28.403	2,4%	57.318	6,4%	85.721	66,9%
Administração pública, defesa e seguridade social	48.813	4,1%	49.315	5,5%	98.128	50,3%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	49.608	4,1%	41.445	4,6%	91.053	45,5%
Atividades administrativas e serviços complementares	42.403	3,5%	37.503	4,2%	79.906	46,9%
Transporte, armazenagem e correio	105.992	8,8%	15.536	1,7%	121.528	12,8%
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	11.521	1,0%	12.418	1,4%	23.939	51,9%
Artes, cultura, esporte e recreação	14.880	1,2%	6.700	0,7%	21.580	31,0%
Informação e comunicação	21.061	1,8%	4.253	0,5%	25.314	16,8%
Atividades imobiliárias	8.267	0,7%	3.953	0,4%	12.220	32,3%
TOTAL	1.202.860	100%	898.818	100%	2.101.678	42,8%

Fonte: PNAD Contínua Anual/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.
*1.010 mulheres atuam em atividades mal definidas

Grupo Ocupacional

Apenas 38% dos cargos de direção e gerência são ocupados por mulheres

Com a maior participação feminina nos setores de Serviços e Comércio, observa-se que, em termos de grupo ocupacional, 29,1% das mulheres atuam como trabalhadoras dos serviços, vendedoras de comércio e mercados.

Dentro desse grupo, 57,8% são mulheres, o que evidencia o papel expressivo do público feminino em diversas profissões do setor de serviços e do comércio, como atendentes, vendedoras e caixas de supermercado.

Cerca de 19% das mulheres atuam em ocupações elementares, caracterizadas por atividades que exigem pouca ou nenhuma qualificação profissional, geralmente envolvendo tarefas simples, repetitivas ou operacionais. Essas ocupações de baixa complexidade também costumam apresentar remuneração reduzida, reforçando a concentração feminina em funções menos valorizadas.

Por outro lado, as mulheres são a maioria entre os profissionais das ciências e intelectuais, representando 58,8% do total. Essas ocupações, normalmente, exigem maior escolaridade. De acordo com o Censo 2022, o Espírito Santo possui 491.101 pessoas com nível superior completo, das quais 297.344 são mulheres, correspondendo a 60,5% do total.

Isso significa que há mais de 100 mil mulheres ensino superior completo a mais do que homens no estado, explicando a maior participação feminina entre os cientistas e profissionais intelectuais.

Apesar desses avanços educacionais, a presença feminina em cargos de liderança ainda é limitada. Apenas 38% dos postos de diretores e gerentes no Espírito Santo são ocupados por mulheres, indicando uma sub-representação significativa nos espaços de decisão. Além disso, entre 2023 e 2024, o número de mulheres nessas funções reduziu 15,3%, sinalizando um retrocesso na ocupação de posições estratégicas no mercado capixaba.



Esses dados evidenciam os desafios persistentes para a inserção e permanência feminina em cargos de poder, mesmo diante de níveis de escolaridade mais elevados. As barreiras que limitam o avanço das mulheres têm origem cultural, institucional e estrutural, incluindo a divisão desigual das responsabilida-

des domésticas e de cuidado, os estereótipos de gênero associados à liderança e a falta de políticas corporativas voltadas à equidade. Esses fatores reforçam padrões históricos que favorecem a ascensão masculina e dificultam a consolidação da igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

Mulheres Ocupadas por Grupo Ocupacional, ES, 2024

Grupo Ocupacional	Mulheres	Distribuição	Participação Feminina	Varição anual
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	261.474	29,1%	57,8%	1,7%
Ocupações elementares	171.121	19,0%	51,3%	6,5%
Profissionais das ciências e intelectuais	155.857	17,3%	58,8%	9,9%
Trabalhadores de apoio administrativo	111.641	12,4%	61,6%	15,4%
Técnicos e profissionais de nível médio	82.389	9,2%	46,0%	9,6%
Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	39.287	4,4%	14,6%	13,2%
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	37.910	4,2%	19,0%	-14,0%
Diretores e gerentes	26.125	2,9%	38,0%	-15,3%
Operadores de instalações e máquinas e montadores	12.327	1,4%	8,1%	41,5%
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	686	0,1%	-	-
Total	898.817	100,0%	42,8%	5,8%

Fonte: PNAD Contínua Anual/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Mercado de trabalho formal

Mulheres ocupam 40,1% dos empregos formais e recebem, em média, 23,8% a menos que os homens

De acordo com os dados da Relação Anual das Informações Sociais (RAIS) referentes ao ano de 2024, as mulheres ocupavam 40,1% dos empregos formais com carteira assinada no Espírito Santo, o equivalente a 365.415 postos de trabalho. Assim como no conjunto das ocupações em geral, observa-se também no mercado formal uma forte concentração feminina nos setores de Serviços e Comércio.

Entretanto, mesmo nesses setores, as mulheres ainda não são maioria. No setor de Serviços, elas representam 49,6% dos vínculos formais, com destaque para as atividades de Educação (65,4%) e Saúde Humana e Serviços

Sociais (79,8%), nas quais a presença feminina é amplamente predominante. Já no Comércio, a participação feminina é de 45,5%, concentrando-se sobretudo no segmento varejista (53,1%), que envolve funções como atendentes, vendedoras e operadoras de caixa.

Em termos de remuneração, as mulheres recebem em média R\$ 2.773, valor 23,8% inferior ao dos homens (R\$ 3.637). A única exceção foi observada no setor da Construção Civil, onde a remuneração feminina superou levemente a masculina.

Essa diferença, porém, está associada à baixa participação das mulheres no setor (10,7%), geralmente em ocupações de maior qualificação, como engenharia e arquitetura, e não nas funções operacionais típicas da área. Entre os 7.937 postos ocupados por mulheres na Construção Civil, 1.882 (23,7%) correspondem a trabalhadoras com ensino superior, o que ajuda a explicar essa leve vantagem salarial, ainda assim, de apenas 0,8%. Nos demais setores, as mulheres continuam recebendo menos do que os homens,

mesmo em áreas majoritariamente femininas. No setor de Serviços, a diferença é de -22,8%, alcançando -16,5% na Educação, -12,1% na Saúde Humana e Serviços Sociais e -16,1% no Comércio. A maior desigualdade salarial foi registrada na Indústria, onde as mulheres ganham cerca de um terço a menos (-32,9%) que os homens. Já as menores discrepâncias, além da observada na Construção Civil, ocorreram no Comércio Varejista (-7,2%) e no Comércio de Veículos e Motocicletas (-9,7%).



Empregos formais por Setor, ES

Setor	Mulheres		Participação Feminina	Distribuição	Diferença Salarial**
	Empregos	Remuneração*			
Agropecuária	6.255	R\$ 2.023	19,3%	1,7%	-12,4%
Indústria	41.877	R\$ 3.194	26,1%	11,5%	-32,9%
Construção	7.937	R\$ 3.337	10,7%	2,2%	0,8%
Comércio	106.744	R\$ 2.403	45,5%	29,2%	-16,1%
Varejista	79.182	R\$ 2.212	53,1%	21,7%	-7,2%
Atacadista	19.787	R\$ 2.925	35,9%	5,4%	-17,3%
Veículos automotores e motocicletas	7.775	R\$ 2.955	25,6%	2,1%	-9,7%
Serviços	202.602	R\$ 2.886	49,6%	55,4%	-22,8%
Educação	19.246	R\$ 3.286	65,4%	5,3%	-16,5%
Saúde Humana e serviços sociais	49.374	R\$ 2.945	79,8%	13,5%	-12,1%
Alojamento e alimentação	25.029	R\$ 1.992	65,6%	6,8%	-14,4%
Outras atividades de serviços	14.612	R\$ 2.586	53,6%	4,0%	-40,6%
Administração pública, defesa e seguridade social	280	R\$ 4.625	46,7%	0,1%	-20,4%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	13.300	R\$ 3.063	48,7%	3,6%	-22,4%
Atividades administrativas e serviços complementares	46.660	R\$ 2.143	45,2%	12,8%	-19,6%
Transporte, armazenagem e correio	14.664	R\$ 3.262	18,8%	4,0%	-18,8%
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	8.850	R\$ 6.482	52,6%	2,4%	-24,1%
Artes, cultura, esporte e recreação	2.612	R\$ 1.940	46,9%	0,7%	-11,7%
Informação e comunicação	6.065	R\$ 4.277	35,8%	1,7%	-19,7%
Atividades imobiliárias	1.905	R\$ 2.166	54,4%	0,5%	-19,2%
Total	365.415	R\$ 2.773	40,1%	100,0%	-23,8%

Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Remuneração Média Real no ano.

**Remuneração da Mulher em relação a do Homem.

No mercado de trabalho formal do Espírito Santo, 81,7% das mulheres ocupadas possuem pelo menos o ensino médio completo, enquanto entre os homens esse percentual é de 71,3%. Essa diferença evidencia que as mulheres com menor escolaridade enfrentam maiores barreiras

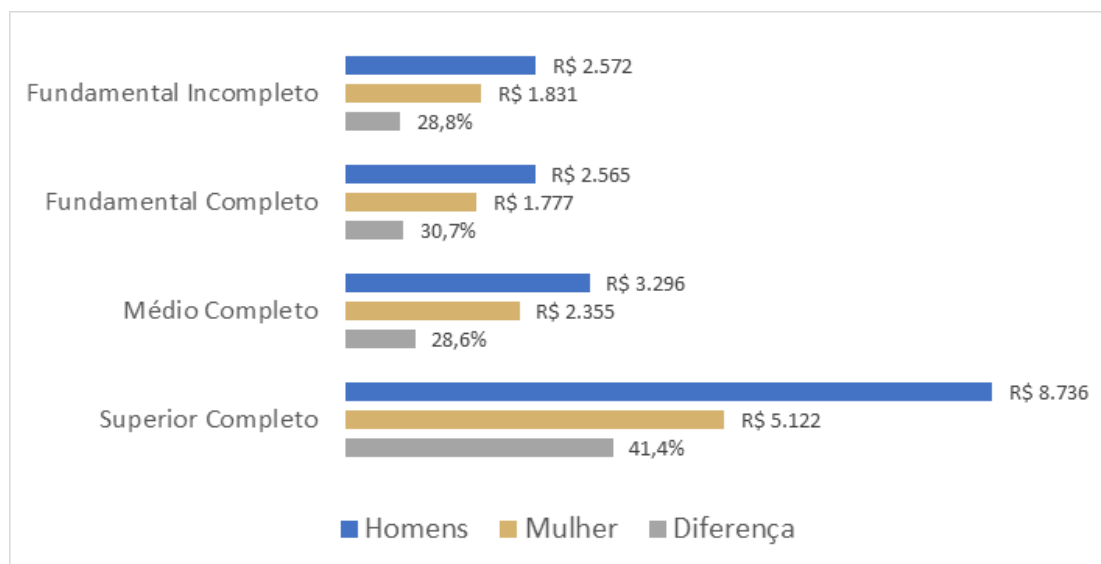
para ingressar em empregos formais. Apesar da maior escolaridade feminina, as mulheres recebem menos do que os homens em todos os níveis de instrução. Mesmo quando comparadas a homens com graus inferiores de escolaridade, a desigualdade persiste.

Uma mulher com ensino médio completo recebe, em média, R\$ 2.355, valor 8,4% menor que o de um homem com ensino fundamental incompleto (R\$ 2.572).

Em todos os níveis de ensino, a diferença salarial ultrapassa 28%, e alcança o seu pico entre os trabalhadores com

ensino superior completo, chegando a 41,4%. Esses dados revelam que a maior qualificação feminina não se traduz em valorização proporcional no mercado de trabalho, indicando a persistência de padrões estruturais de desigualdade de gênero.

Remuneração Média Real por Grau de Escolaridade



Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Remuneração Média Real no ano.

**Remuneração da Mulher em relação a do Homem.

Ocupações Formais

Faxineira é a ocupação com maior número de mulheres no estado (28.893 postos)

Os obstáculos e limitações enfrentados pelas mulheres no ingresso e na permanência no mercado de trabalho ficam evidentes ao se observar as principais ocupações femininas no Espírito Santo, que se concentram fortemente em serviços administrativos de apoio, comércio varejista, cuidados pessoais e atividades de limpeza e alimentação.

As profissões com maior número de mulheres empregadas no estado, com mais de 10 mil empregos, são: faxineira (28.893 postos), vendedora do comércio varejista (26.838), auxiliar de escritório (23.031), assistente administrativa (21.723), operadora de caixa (17.489) e técnica de

Enfermagem (13.478). Juntas, essas seis ocupações correspondem a 36% de todos os postos ocupados por mulheres no Espírito Santo.

Apesar de representarem uma parcela significativa do emprego feminino, essas atividades são, em sua maioria, mal remuneradas, caracterizadas por alta rotatividade e com poucas perspectivas de progressão na carreira.



Trata-se, portanto, de um conjunto de funções que, embora essenciais para o funcionamento da economia, são socialmente desvalorizadas e associadas a menor reconhecimento profissional.

Além disso, grande parte dessas ocupações apresenta baixa exigência de qualificação formal, o que tende a restringir o poder de negociação salarial das trabalhadoras e a

mantê-las em posições de subalternidade dentro das organizações. Mesmo em funções que demandam formação técnica, como técnica de enfermagem ou assistente administrativa, os salários permanecem modestos e há pouca valorização profissional, sobretudo quando comparadas às funções de coordenação e gestão, onde a presença masculina ainda é predominante.



Ocupações formais que mais empregam mulheres, ES, 2024

Ranking	Ocupação	Empregos de Mulheres	Distribuição	Participação Feminina
1º	Faxineiro	28.893	7,9%	78,5%
2º	Vendedor de Comércio Varejista	26.838	7,3%	61,2%
3º	Auxiliar de Escritório, em geral	23.031	6,3%	68,3%
4º	Assistente Administrativo	21.723	5,9%	67,7%
5º	Operador de Caixa	17.489	4,8%	86,6%
6º	Técnico de Enfermagem	13.478	3,7%	87,6%
7º	Recepcionista, em geral	9.674	2,6%	85,2%
8º	Cozinheiro geral	9.019	2,5%	87,1%
9º	Atendente de lojas e mercados	8.765	2,4%	73,4%
10º	Auxiliar nos serviços de alimentação	8.659	2,4%	76,5%
11º	Alimentador de linha de produção	6.785	1,9%	33,7%
12º	Atendente de lanchonete	5.545	1,5%	74,4%
13º	Repositor de mercadorias	4.713	1,3%	37,4%
14º	Enfermeiro	4.185	1,1%	81,8%
15º	Supervisor administrativo	3.925	1,1%	54,6%
16º	Gerente administrativo	3.671	1,0%	53,0%
17º	Trabalhador de Serviços de Limpeza e Conservação de Áreas Públicas	3.517	1,0%	63,2%
18º	Atendente de Farmácia - balconista	3.458	0,9%	58,1%
19º	Porteiro de Edifícios	3.439	0,9%	23,5%
20º	Recepcionista de Consultório médico ou dentário	3.285	0,9%	91,3%

Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

As ocupações com maior participação feminina no Espírito Santo estão fortemente concentradas em atividades ligadas à Economia do Cuidado. Profissões como auxiliar em saúde bucal (95,7%), auxiliar de desenvolvimento infantil (95,5%), assistente social (92,5%), professora (87,7%),

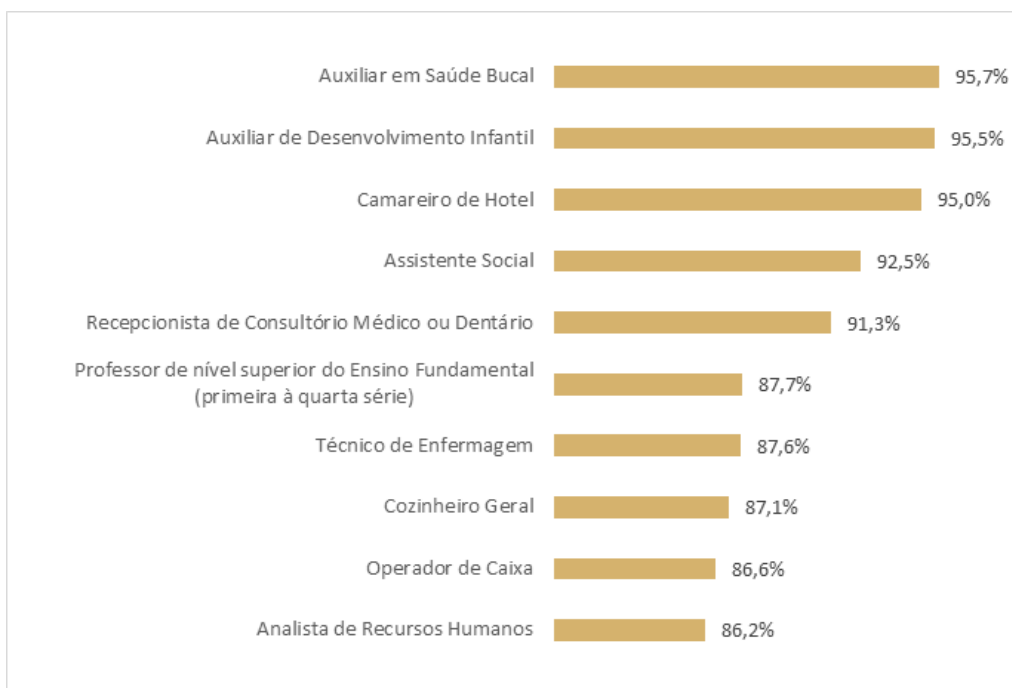
técnica de enfermagem (87,6%) e cozinheira (87,1%) ilustram o predomínio das mulheres em funções associadas ao cuidar e educar.



Já outras ocupações, como recepcionista de consultório (91,3%), operadora de caixa (86,6%) e analista de recursos humanos (86,2%), também envolvem atividades de acolhimento e atendimento interpessoal, dimensões historicamente vinculadas aos papéis sociais atribuídos às mulheres. Essas concentrações reforçam o fenômeno da segregação ocupacional de

gênero, no qual as mulheres se concentram em setores considerados “extensões” do trabalho doméstico e de cuidado, como limpeza, alimentação, atendimento e saúde. Embora sejam extremamente relevantes para o funcionamento da sociedade, essas atividades permanecem subvalorizadas econômica e simbolicamente.

Ocupações Formais com maior participação feminina entre os empregados, ES, 2024



Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Considerou-se apenas as ocupações com mais de 1.000 vínculos de emprego no estado.

Trabalho Doméstico

94,1% dos trabalhadores domésticos são mulheres

Outra extensão das atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres está relacionada ao trabalho doméstico, que historicamente se configura como uma projeção do trabalho reprodutivo não remunerado realizado no âmbito familiar.

No Brasil, o trabalho doméstico é regulamentado pela Lei Complementar nº 150, conhecida como Lei das Domésticas⁶, que define como empregado doméstico aquele que “presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal, de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de dois dias por semana”.

Essa definição abrange ocupações como empregada doméstica, babá, cuidadora de idosos, motorista, caseiro, entre outras.

De acordo com dados do Painel de Informações do Trabalho Doméstico, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o Espírito Santo contava, em 2024, com 28.345 vínculos formais de trabalho doméstico, dos quais 94,1% eram ocupados por mulheres, com um total de 26.672 postos. Essa forte predominância feminina reflete a construção cultural e social segundo a qual as atividades de cuidado e manutenção do lar são “naturais” às mulheres.

Assim, o trabalho doméstico remunerado, realizado na residência de terceiros, acaba se constituindo como uma extensão institucionalizada das tarefas domésticas exercidas no ambiente familiar.

As ocupações de empregada doméstica nos serviços gerais (20.889 vínculos), babá (2.510) e cuidadora de idosos (2.220) concentram a maior parte das trabalhadoras domésticas formais no estado. A remuneração média desse grupo é de R\$ 1.572, valor inferior ao praticado em qualquer outro setor do mercado de trabalho formal e muito próximo ao salário mínimo vigente, evidenciando a subvalorização econômica dessa atividade. Além da baixa remuneração, o trabalho doméstico é caracterizado por jornadas longas.

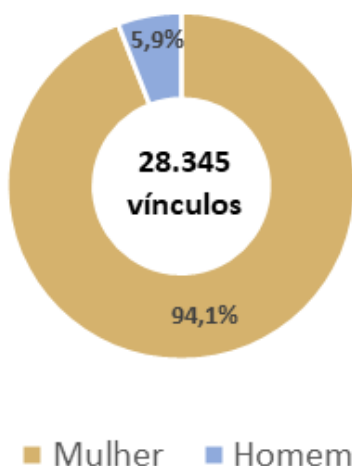
Cerca de 70% das trabalhadoras têm cargas horárias semanais superiores a 41 horas. Trata-se também de um segmento composto majoritariamente por mulheres em uma faixa etária mais elevada, sendo que 79,3% possuem mais de 40 anos, e 11,4% ultrapassam os 60 anos. Essa estrutura etária reflete trajetórias laborais marcadas por acesso restrito à educação e à qualificação profissional, o que limita as possibilidades de inserção em ocupações mais valorizadas e estáveis.

Com o avanço da idade, as oportunidades de reinserção no mercado se tornam ainda mais escassas, e muitas permanecem no trabalho doméstico por falta de alternativas de emprego e renda.

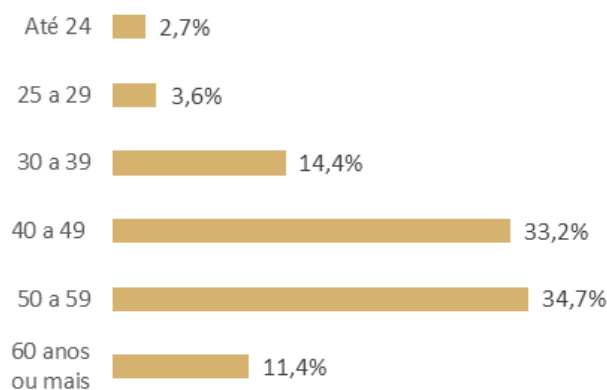
A combinação entre idade avançada, baixos salários e jornadas de trabalho elevadas perpetua um ciclo de vulnerabilidade que limita a autonomia financeira dessas mulheres.

Assim, as trabalhadoras domésticas podem ser consideradas um dos grupos prioritários para políticas de valorização do trabalho e ampliação do acesso à qualificação profissional.

Trabalhadores Domésticos por Gênero no ES, 2024



Trabalhadoras Domésticas por Faixa Etária no ES, 2024



Fonte: Painel de Informações do Trabalho Doméstico/MTE.
Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES



Municípios

Em apenas dois municípios capixabas as mulheres recebem salários superiores aos dos homens

A baixa participação das mulheres no mercado de trabalho formal, bem como a desigualdade salarial, também pode ser observada quando se analisa a distribuição dos empregos formais por gênero nos municípios capixabas. Entre os 78 municípios capixabas, apenas em Itapemirim (53,6%) e em Alegre (50,2%), as mulheres ocupam a maioria dos postos de trabalho.

Na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), a participação feminina no mercado de trabalho formal é de 41,4%, percentual superior ao observado no Interior do estado (38,2%). A composição setorial das atividades econômicas pode ajudar a explicar essa diferença.

Na Grande Vitória, 77,8% dos empregos formais estão concentrados nos setores de Serviços e Comércio, os quais também reúnem 86,4% dos postos ocupados por mulheres no estado. Dessa forma, a maior presença desses setores na economia metropolitana contribui para elevar a participação feminina na região.

Nos municípios do interior, a Agropecuária (8,7%) e a Indústria (25,6%) respondem juntas por 34,2% dos empregos formais. Como esses são setores predominantemente masculinos, as mulheres têm uma menor participação no mercado formal dessas localidades.

Em relação à remuneração, em apenas dois dos 78 municípios capixabas as mulheres possuem salários superiores aos dos homens: Itapemirim (+13,3%) e Santa Leopoldina (+2,2%). Em todos os demais municípios a remuneração feminina é inferior à masculina, com a diferença média estadual sendo de 23,8%.

Na Grande Vitória, a diferença salarial é mais acentuada, de 27,7%, superior à registrada nos municípios do Interior do estado (22,4%).

Esse resultado indica que, mesmo com maior participação feminina no mercado formal metropolitano, as disparidades salariais são mais expressivas. Uma possível explicação está na estrutura ocupacional da região, marcada por maior concentração de cargos de alta remuneração e funções de liderança, tradicionalmente ocupados por homens, enquanto as mulheres se concentram em atividades administrativas, de serviços e de cuidado, caracterizadas por menor valorização salarial.



Municípios com maior participação feminina, ES, 2024

Ranking	Município	Empregos de Mulheres	Participação Feminina	Diferença salarial
1º	Itapemirim	3.440	53,6%	13,3%
2º	Alegre	1.435	50,2%	-11,7%
3º	São Gabriel da Palha	2.949	49,6%	-15,4%
4º	Vila Velha	56.929	48,8%	-16,7%
5º	Irupi	344	47,0%	-18,0%
6º	Vitória	77.563	46,4%	-33,5%
7º	Iúna	1.322	45,7%	-16,2%
8º	Venda Nova do Imigrante	2.399	45,5%	-11,5%
9º	Afonso Cláudio	1.198	45,5%	-20,7%
10º	Guaçuí	1.752	44,9%	-8,7%
-	Grande Vitória	229.205	41,4%	-27,7%
-	Interior	136.210	38,2%	-22,4%

Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Calculou-se a média ponderada dos salários médios dos municípios da RMGV e do Interior.

Empreendedorismo Feminino: desafios, oportunidades e caminhos para o empoderamento

Cerca de 205 mil mulheres empreendem no Espírito Santo, seja como empresárias ou trabalhadoras por conta própria

O Espírito Santo conta com 28.856 mulheres empregadoras, que administram seus próprios negócios e geram empregos, e 176.977 mulheres que trabalham por conta própria, atuando como autônomas ou microempreendedoras individuais (MEI).

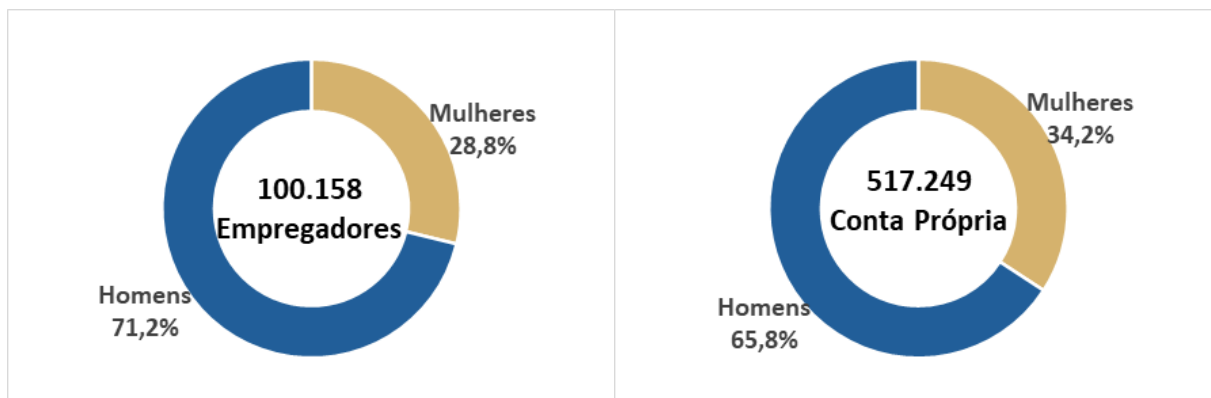
Neste estudo, considera-se como empreendedoras tanto as mulheres empregadoras, que possuem e gerem negócios com empregados, quanto aquelas que atuam por conta própria, exercendo atividade econômica de forma autônoma, formal ou informal.

Dessa forma, são 205.833 mulheres empreendedoras no estado, o que corresponde a 22,9% de todas as mulheres ocupadas no mercado de trabalho capixaba.

Apesar disso, as mulheres ainda são minoria entre os empreendedores. Elas representam apenas 28,8% dos em

pregadores e 34,2% dos trabalhadores por conta própria, o que corresponde a cerca de um terço do total de empreendedores no Espírito Santo. Esses números evidenciam que ainda persistem barreiras estruturais que dificultam o ingresso, a permanência e a ascensão das mulheres no mundo dos negócios.

Empreendedores no Espírito Santo



Fonte: PNAD Contínua Anual/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.



Um estudo realizado pelo Sebrae/ES⁷, em 2024, intitulado “Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba”, buscou compreender o perfil, as motivações, os desafios enfrentados por essas mulheres. A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de questionários com 534 empreendedoras, entre empregadoras e trabalhadoras por conta própria, de 48 municípios capixabas, com predominância na Região Metropolitana da Grande Vitória (47,9%).

Os resultados revelam que a maioria das empreendedoras tem entre 30 e 49 anos (64,6%), é casada ou vive em união estável (63,1%), e 73% são mães. Entre as que têm filhos, 60% possuem dois ou mais. Assim, a maior parte dessas mulheres enfrenta a dupla jornada de trabalho,

dividindo o tempo entre os negócios, a casa e o cuidado com os filhos. Mesmo com essa sobrecarga de trabalho, 39% das mulheres dedicam mais de 9 horas por dia à sua empresa, o que evidência a resiliência das empreendedoras, mas também o risco de esgotamento físico e emocional. Isso faz com que políticas públicas de apoio, como a expansão de creches e o incentivo à divisão de responsabilidades familiares, sejam fundamentais para reduzir as desigualdades e fortalecer o empreendedorismo feminino.

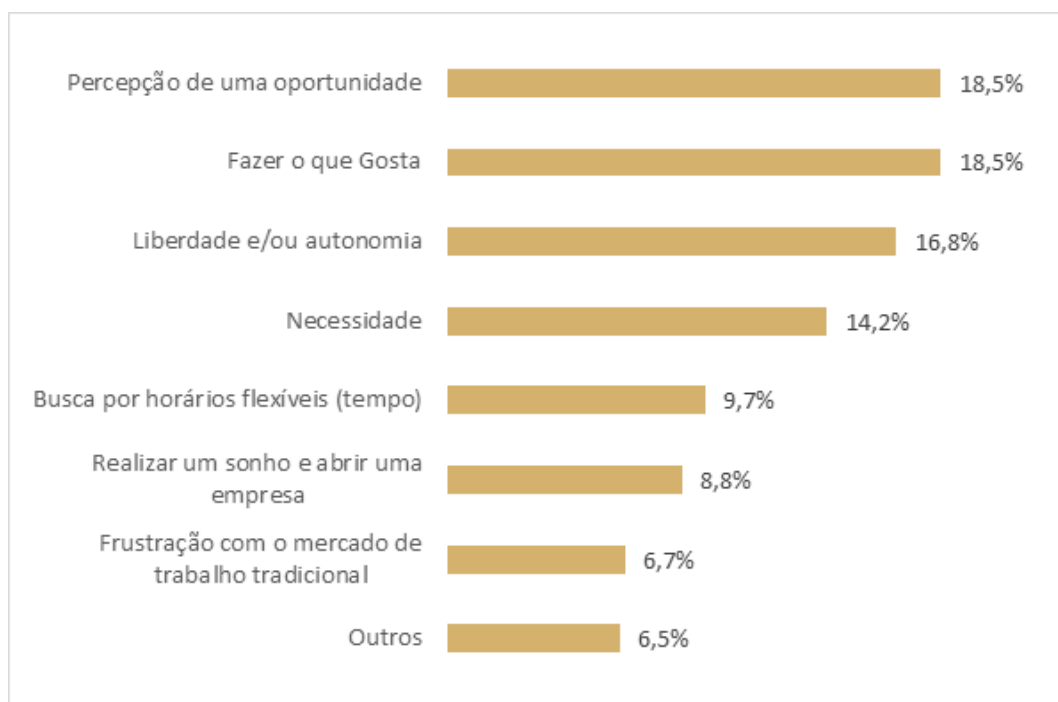
Outro ponto marcante é o nível de escolaridade dessas empreendedoras: 34% possuem ensino superior completo ou incompleto e 33,7% têm pós-graduação, mestrado ou doutorado.

Apenas 32,1% possuem até o ensino médio. Isso revela a existência de barreiras educacionais que limitam a iniciativa empreendedora feminina. Para muitas mulheres, a formação superior se tornou quase um pré-requisito para empreender. Nesse sentido, iniciativas que visem capacitação e formação empreendedora voltadas a mulheres com menor escolaridade podem ampliar o acesso a oportunidades, fornecendo a instrução adequada para a abertura e gestão de seus próprios negócios e, com isso, aumentando a probabilidade de que os mesmos prosperem.

As principais motivações para empreender foram a percepção de uma oportunidade (18,5%), o desejo de fazer o que gosta (18,5%), e a busca por autonomia e liberdade no trabalho (16,8%). Outras razões incluem a flexibilidade de horários (9,7%), a frustração com o mercado de trabalho tradicional (6,7%). Já a “realização de um sonho” em ter o próprio negócio foi citada por 8,8%. Dessa forma, as mulheres buscam no empreendedorismo tanto realização pessoal e autonomia, com a oportunidade de trabalhar em uma área de interesse, quanto alternativas à rigidez do mercado de trabalho tradicional.



Principal motivação para começar a empreender



Fonte: Sebrae/ES — Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba, 2024.
Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.
Nota: Amostra com 534 respondentes.

Antes de abrirem seus negócios, 57,5% das empreendedoras capixabas atuavam com carteira assinada (CLT). Isso indica que muitas mulheres optaram por deixar a estabilidade do emprego formal em busca de maior autonomia e realização profissional. Esse movimento revela que a insatisfação com o mercado de trabalho tradicional, frequen-

temente marcado por desigualdades salariais, falta de flexibilidade e autonomia e limitações de crescimento, tem funcionado como um combustível para o empreendedorismo feminino, levando diversas mulheres a se lançarem em negócios próprios ou em ocupações sem vínculo formal.

Ainda assim, 14,2% das entrevistadas afirmaram que empreender foi uma questão de “Necessidade”, e não de escolha, reflexo das dificuldades de inserção feminina no mercado de trabalho. Nesses casos, o empreendedorismo surge como única alternativa de renda, e não como um projeto planejado.

O empreendedorismo por necessidade também tende a impor maior pressão e desgaste emocional, o que pode reduzir as chances de sucesso dos negócios. Essa realidade se reflete no fato de que 35% das empreendedoras mantêm outro trabalho além da própria empresa, revelando que o negócio, por si só, nem sempre assegura autonomia financeira.

Além disso, 59% das entrevistadas atuam como empresárias há menos de cinco anos, o que indica um crescimento recente da iniciativa empreendedora feminina no estado. Porém, esse movimento também pode estar associado à crise sanitária, que provocou queda na atividade econômica e um grande número de demissões, levando muitas mulheres a empreenderem por necessidade.

Apesar dessas dificuldades, 64% das empreendedoras têm em seus negócios a principal fonte de renda, demonstrando que, mesmo em um contexto adverso, muitas conseguiram consolidar suas atividades e conquistar maior estabilidade financeira.



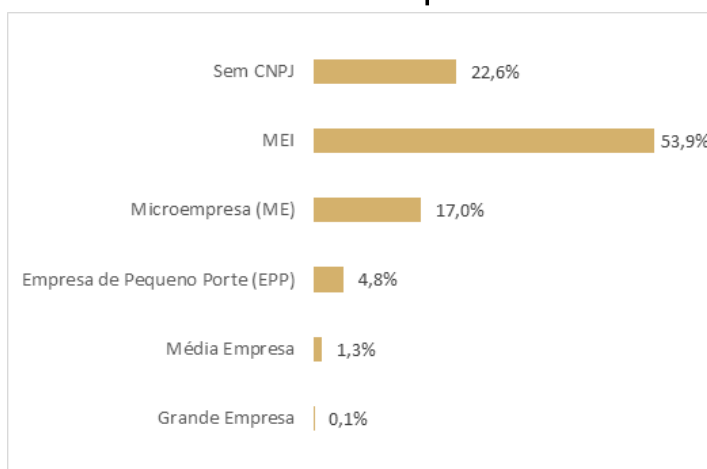
Além disso, 48% das mulheres empreendedoras são responsáveis pela maior parte da renda domiciliar, o que reforça o potencial do empreendedorismo feminino como instrumento de autonomia econômica e empoderamento, especialmente diante de um mercado formal em que as mulheres ainda recebem, em média, 23,8% a menos que os homens.

Em relação à natureza jurídica dos empreendimentos, 53,9% das mulheres empreendedo-

ras capixabas atuam como Microempreendedoras Individuais (MEI) e 21,9% possuem Microempresas ou Empresas de Pequeno Porte.

Além dessas, 22,6% trabalham na informalidade, sem registro de CNPJ, condição que representa um obstáculo adicional à consolidação dos negócios, dificultando o acesso ao crédito, a formalização de contratos e a emissão de notas fiscais, o que limita as oportunidades de expansão e investimento.

Porte da Empresa



Fonte: Sebrae/ES — Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba, 2024.

Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Nota: Amostra com 534 respondentes.

A maioria dos empreendimentos femininos é formada por negócios individuais e autônomos, sem geração de empregos diretos. Ainda assim, 23,4% dos estabelecimentos liderados por mulheres empregam outras pessoas, e, entre esses, 36,8% possuem quatro ou mais funcionários, revelando uma contribuição significativa do empreendedorismo feminino para a geração de trabalho e renda no estado.

No que diz respeito à gestão dos empreendimentos, a maioria das mulheres empreendedoras (71,3%) administra sozinha o próprio negócio, sem a presença de sócios. Entre aquelas que possuem sociedade, 14,4% dividem a gestão com seus cônjuges, 7,8% com familiares, e apenas 7,8% com sócios não pertencentes ao círculo familiar.

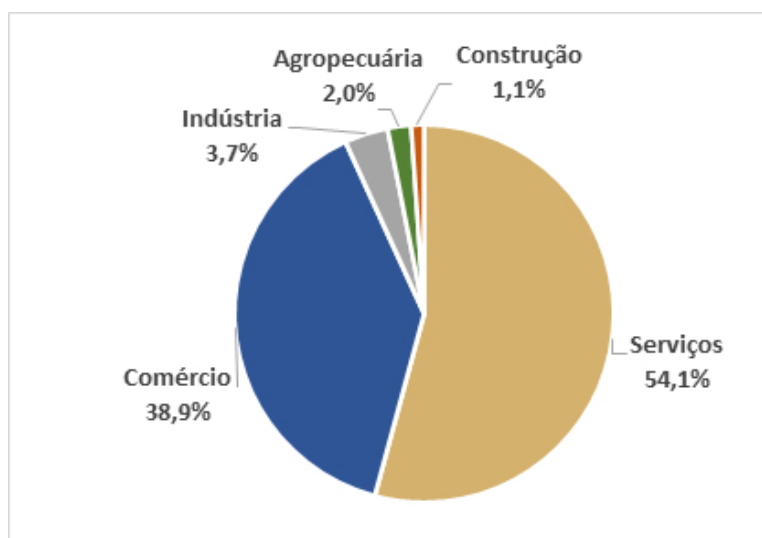
Esses dados evidenciam um dos desafios enfrentados pelas empreendedoras: a limitação das redes de apoio e de relacionamento profissional. As conexões estratégicas, que são fundamentais para estabelecer parcerias, fortalecer o networking e impulsionar o crescimento empresarial, ainda são bastante restritas para as mulheres.

O ambiente de negócios, majoritariamente masculino, tende a ser menos receptivo à participação feminina, e o preconceito de gênero reforça barreiras simbólicas, como a subestimação da capacidade de liderança e a desconfiança quanto à competência gerencial das mulheres, tornando o processo de inserção e consolidação nos espaços empresariais mais lento e desafiador⁸.

Assim como ocorre no mercado de trabalho em geral, as mulheres empreendedoras capixabas estão fortemente concentradas nos setores de Serviços (54,1%) e Comércio (38,9%). Dessa forma, o setor terciário responde por mais de 90% dos empreendimentos liderados por mulheres no

Espírito Santo, evidenciando seu papel central na absorção da força de trabalho feminina, tanto no emprego formal e informal quanto nas iniciativas empreendedoras. Em proporções menores, os negócios femininos estão presentes na Indústria (3,7%), Agropecuária (2%) e Construção Civil (1,1%).

Setor de Atuação da Empresa



Fonte: Sebrae/ES — Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba, 2024.
Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.
Nota: Amostra 534 respondentes.

Essa distribuição também reflete uma segregação ocupacional persistente, concentrando as mulheres em atividades associadas ao cuidado, à alimentação e à hospitalidade. Os principais ramos de atuação identificados são Artesanato (17,4%), Alimentos e Bebidas (15,2%), Beleza (14,4%), Moda e Acessórios (10,7%) e Saúde (6,6%), segmentos que guardam relação com extensões do trabalho doméstico e com papéis historicamente atribuídos às mulheres. Assim, tanto como empregadas quanto como empresárias, as possibilidades de inserção feminina ainda se concentram em áreas tradicionalmente femininas, caracterizadas por menor valorização econômica.

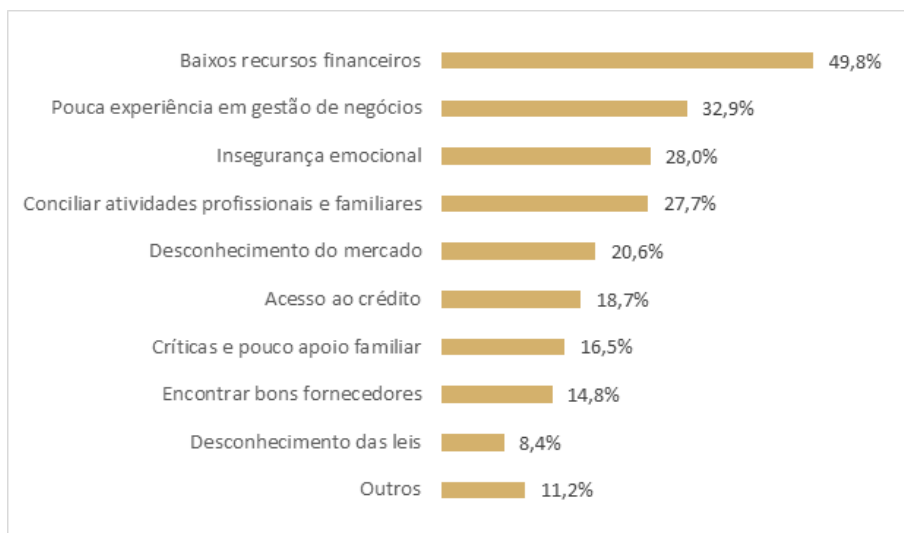
Nesse contexto, políticas públicas e programas de capacitação voltados à inserção das mulheres em setores como indústria, tecnologia, logística, transporte e construção civil são fundamentais para diversificar os espaços de atuação e ampliar as oportunidades de negócios femininos. Essa diversificação pode contribuir para reduzir a dependência do setor terciário e promover uma inserção mais equilibrada e sustentável das mulheres na economia capixaba.

A principal dificuldade apontada pelas empreendedoras capixabas na abertura de seus negócios foi a falta de recursos financeiros (49,8%), seguida pela pouca experiência em gestão (32,9%).

Entre as entrevistadas, 36% já recorreram a empréstimos, mas 62,7% relataram dificuldades na obtenção de crédito, e 25,4% não conseguiram o financiamento solicitado. Essa barreira está relacionada tanto aos critérios rigorosos exigidos pelas instituições financeiras, que muitas vezes demandam garantias incompatíveis com a realidade das empreendedoras, quanto a um preconceito de gênero ainda presente, que coloca

em dúvida a capacidade de gestão e a credibilidade das mulheres à frente dos negócios. Nesse sentido, políticas de incentivo específicas, como linhas de crédito voltadas às mulheres, taxas de juros reduzidas e programas de capacitação em gestão financeira são fundamentais para fortalecer o empreendedorismo feminino no Espírito Santo, promovendo autonomia econômica e sustentabilidade dos negócios liderados por mulheres.

Principais dificuldades na abertura da empresa*



Fonte: Sebrae/ES — Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba, 2024.

Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Nota: Amostra 534 respondentes.

*Questão com múltiplas respostas.

Outras dificuldades mencionadas na abertura do negócio foram a insegurança emocional (28%) e a dificuldade de conciliar as responsabilidades profissionais e familiares (27,7%). Esses fatores evidenciam a sobrecarga enfrentada pelas empreendedoras em um ambiente empresarial ainda predominantemente masculino, o que reforça os sentimentos de insegurança quanto à própria capacidade e à possibilidade de sucesso no empreendimento.

Além disso, a dupla jornada permanece como um dos maiores desafios para as mulheres que empreendem. A distribuição desigual do trabalho doméstico e do cuidado faz com que o tempo dedicado à família concorra diretamente com a gestão do negócio, gerando cansaço físico,

sobrecarga emocional e, em muitos casos, desistência da atividade empreendedora. Mesmo entre aquelas que persistem, a ausência de apoio e de estratégias de gestão do tempo pode comprometer tanto a saúde mental quanto a prosperidade da empresa. Assim, as redes de apoio, acolhimento e troca de experiências entre mulheres são fundamentais para estas consigam lidar com os desafios da gestão dos seus negócios.

Quanto às dificuldades da empresa no dia a dia, a questão financeira também foi a mais citada: 33,9% apontaram a falta de recursos para novos investimentos e 30,7% mencionaram a escassez de capital de giro.

Esses resultados reforçam que o maior obstáculo para a consolidação e o crescimento dos negócios femininos é, de fato, a limitação de recursos financeiros, com essa condição sendo frequentemente agravada pelas barreiras de acesso a crédito e financiamento, que dificultam tanto a manutenção das atividades quanto a expansão das empresas.

Além disso, outras dificuldades recorrentes foram o aumento da produtividade (23%) e a precificação dos produtos e serviços (22,1%).

Dessa forma, além das limitações financeiras, os desafios técnicos relacionados à eficiência e à gestão também exercem influência sobre o desempenho dos empreendimentos.

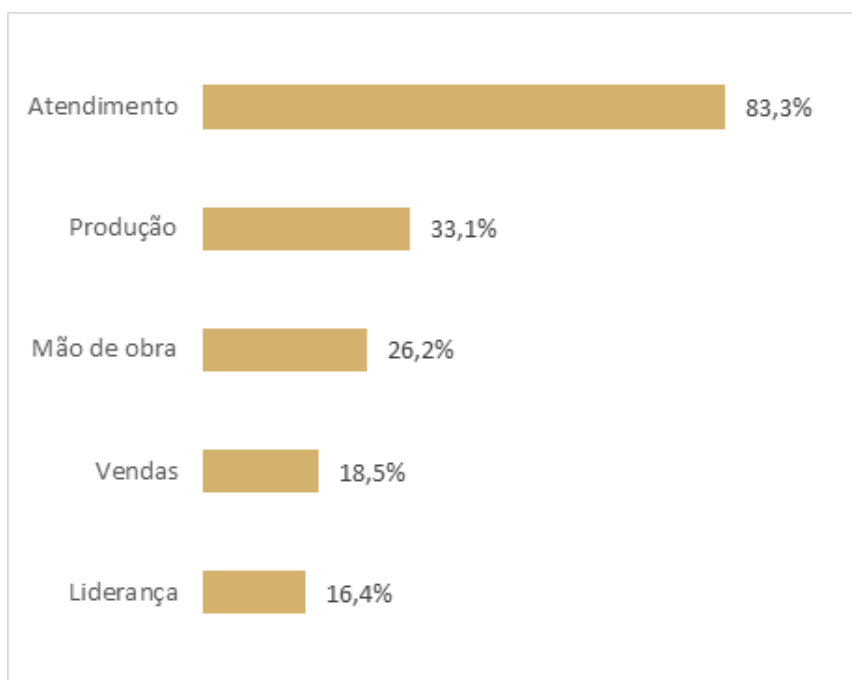
Esse cenário evidencia a importância de ampliar a oferta e o acesso a cursos e programas de capacitação voltados às mulheres empreendedoras, principalmente com foco na eficiência produtiva e em estratégias de precificação adaptadas à realidade dos pequenos negócios.



Em relação aos pontos fortes dos negócios, a maioria das empreendedoras destaca o atendimento ao cliente (83,3%) como principal diferencial competitivo, seguido pela qualidade da produção (33,1%). Por outro lado, quase metade das entrevistadas reconhece a necessidade de aprimorar o marketing digital

(48,8%) e a gestão empresarial (45,5%). Mais de 80% das empreendedoras capixabas utilizam as redes sociais como ferramenta de divulgação e vendas, ressaltando a crescente importância do ambiente digital para a consolidação e expansão dos empreendimentos femininos.

Pontos Fortes da Empresa*



Fonte: Sebrae/ES — Pesquisa Empreendedorismo Feminino Capixaba, 2024.
Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.
Nota: Amostra 534 respondentes.
*Questão com múltiplas respostas.

A pesquisa realizada pelo Sebrae/ES evidencia uma série de desafios adicionais que as mulheres enfrentam para empreender. Entre os principais obstáculos do empreendedorismo feminino estão o acesso limitado a crédito e financiamento, a sobrecarga com responsabilidades domésticas, a dificuldade de conciliar a vida pessoal e profissional, além de barreiras simbólicas como os estereótipos de gênero e a limitação das redes de apoio. Esses fatores combinados criam um ambiente mais adverso para a consolidação e o crescimento dos negócios liderados por mulheres.

Apesar das barreiras enfrentadas, cerca de 206 mil mulheres capixabas conduzem hoje seus próprios negócios, ou

por conta própria, demonstrando resiliência e capacidade de adaptação e inovação, mesmo em um contexto econômico ainda marcado por desigualdades. Nesse cenário, fortalecer políticas públicas e iniciativas institucionais voltadas ao empreendedorismo feminino é fundamental, especialmente por meio da ampliação do acesso ao crédito, da capacitação técnica e da promoção da igualdade de condições no ambiente empresarial.



Além disso, círculos, comunidades e associações de mulheres empreendedoras desempenham papel estratégico ao incentivar a colaboração, o fortalecimento coletivo e a criação de novas oportunidades.

Assim, o empreendedorismo feminino pode se consolidar no Espírito Santo como um importante instrumento de empoderamento, inclusão e desenvolvimento social e econômico.

Síntese Analítica

A análise do mercado de trabalho capixaba evidencia que, apesar dos avanços recentes nos níveis de ocupação e da queda histórica da taxa de desemprego, as desigualdades de gênero ainda persistem. A baixa participação das mulheres na força de trabalho, com apenas 52,4% das mulheres em idade ativa inseridas no mercado, reflete uma combinação de barreiras his-

tóricas, sociais e institucionais que limitam sua presença e permanência no emprego. As responsabilidades desproporcionalmente atribuídas às mulheres no cuidado de crianças, idosos e no trabalho doméstico não remunerado continuam sendo fatores centrais para essa exclusão parcial do mercado de trabalho.

Entre as mulheres que estão inseridas no mercado, observa-se uma forte segregação ocupacional, com 84,1% delas concentradas nos setores de Serviços e Comércio, predominantemente em atividades relacionadas à Economia do Cuidado, como saúde, educação e trabalho doméstico. Essas ocupações, ainda que essenciais para o funcionamento da sociedade, são historicamente subvalorizadas econômica e simbolicamente, apresentando baixos salários e limitadas possibilidades de ascensão profissional.

Além disso, as evidências mostram uma elevada desigualdade salarial entre homens e mulheres no mercado formal, presente em praticamente todos os setores e municípios capixabas. Independentemente do nível de

escolaridade, as mulheres continuam recebendo menos: em média, uma mulher com ensino médio completo ganha menos do que um homem sem o ensino básico concluído. Esse padrão revela que a discriminação de gênero no mercado de trabalho vai além das diferenças educacionais, refletindo desigualdades estruturais no acesso a oportunidades, cargos de liderança e valorização do trabalho feminino.

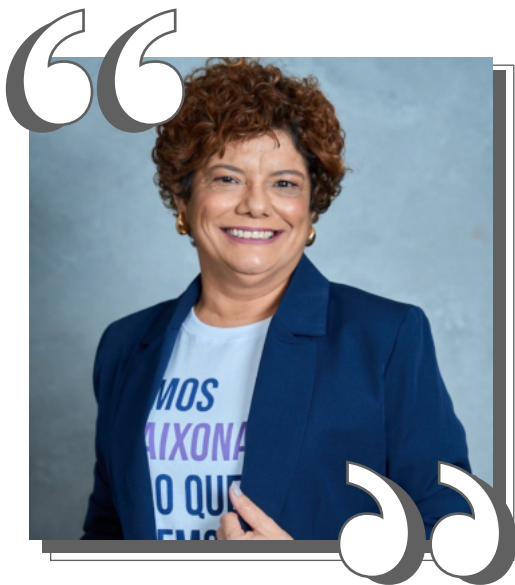


Diante desse cenário, é fundamental que as políticas públicas e as estratégias de desenvolvimento produtivo incorporem a perspectiva de gênero, promovendo a ampliação da participação feminina no mercado de trabalho formal, a diversificação das ocupações femininas em setores de maior produtividade e

a valorização econômica do trabalho do cuidado. O fortalecimento de ações voltadas para qualificação profissional, equidade salarial e infraestrutura de apoio ao cuidado podem contribuir para a redução das desigualdades e construir um mercado de trabalho mais justo e inclusivo no Espírito Santo.



OPINIÃO CAPIXABA



“É importante olhar o mercado de trabalho com uma análise interseccional. Porque não se trata apenas de gênero, mas também de raça e condição social, fatores que podem ser determinantes para o avanço, ou não, dessas mulheres.”

Para compreender as transformações recentes no mercado de trabalho brasileiro, especialmente no recorte de gênero, é importante olhar além dos números e considerar as dinâmicas sociais e históricas que moldam a presença feminina no ambiente profissional. A seguir, a fala de **Kátia Vasconcelos, Diretora de Pesquisa e Desenvolvimento e RH do Grupo Rhopen**, traz uma reflexão sobre a trajetória das mulheres no mercado de trabalho, as desigualdades ainda persistentes e os desafios que precisam ser enfrentados para que o avanço da participação feminina ocorra de forma mais equitativa e sustentável. Confira:

“Mulher no mercado de trabalho não é um assunto recente. As mulheres sempre estiveram no mercado de trabalho. O que é mais recente na nossa história são os avanços na entrada das mulheres de classes mais favorecidas, se a gente pode dizer assim.

E por que eu digo isso? Porque as mulheres em situação de maior vulnerabilidade sempre trabalharam, principalmente como cuidadoras, só que esse trabalho, por muito tempo, não foi reconhecido como tal. Era um trabalho invisível, quase que nem contabilizado.

A partir dos anos 1970, com os avanços sociais que começaram a acontecer, a gente passou a ver uma maior inserção das mulheres nesse mercado de trabalho formal. De lá pra cá, isso vem crescendo, ainda que num ritmo menor do que o ideal.

Até porque, diante de qualquer crise, seja econômica ou social, como a pandemia de 2020, as mulheres acabam sendo as mais afetadas.

Na pandemia, por exemplo, quando analisamos quem saiu do mercado de trabalho, vimos que foram as mulheres que mais perderam seus postos. Em muitos casos, por decisão própria, já que, com o fechamento das escolas e creches, muitas não tinham com quem contar como rede de apoio para as crianças. Em outros casos, por decisão das próprias empresas.



Então, há um crescimento na participação feminina, sim, mas ainda insuficiente para reduzir as desigualdades. E quando olhamos a estrutura do mercado de trabalho, percebemos que as mulheres estão em maior número até certo ponto da pirâmide hierárquica. Em funções operacionais, administrativas e até técnicas, o número é expressivo. Mas, à medida que a gente sobe para posições de comando, essa presença começa a diminuir.

Nos primeiros níveis de liderança, coordenação, supervisão, ainda há uma boa representatividade. Mas quanto mais complexa e estratégica é a função, menor o número de mulheres. Isso acontece mesmo em setores com maioria feminina, como saúde, educação e a indústria de cosméticos.

Na base, a operação está cheia de mulheres; no topo, quase não se vê.

Por isso, é importante olhar o mercado de trabalho com uma análise interseccional. Porque não se trata apenas de gênero, mas também de raça e condição social, fatores que podem ser determinantes para o avanço, ou não, dessas mulheres.

E essa é uma realidade concreta. As estatísticas mostram que, desempenhando as mesmas funções, as mulheres ainda ganham, em média, 30% a menos que os homens. Isso não é exclusividade do Brasil, é um fenômeno global.

Outro dia, numa aula sobre remuneração, me perguntaram: “Mas se existe um plano de cargos e salários, como isso ainda acontece?” A resposta é simples.

Num plano de cargos e salários, há faixas salariais para a mesma função. E é comum que quem entra ou é promovido comece na faixa inicial. O problema é que, na prática, os homens costumam conseguir negociar uma posição um pouco mais alta na faixa, ou a própria empresa já oferece isso. Já as mulheres, muitas vezes, são colocadas no início, ou até abaixo da faixa, sob o argumento de que “precisam de tempo para se desenvolver”.

E de onde vem essa dúvida sobre a capacidade da mulher? Não é sobre competência cognitiva, é sobre disponibilidade. Ainda persiste a crença de que as mulheres vão faltar mais, vão se ausentar mais, ou serão menos comprometidas por causa dos cuidados familiares que recaem sobre elas.

Então, fechando essa reflexão: sim, temos desafios importantes quanto à presença e à valorização da mulher no mercado de trabalho. E não basta criar programas de aceleração ou inclusão se, junto com isso, as empresas não desenvolverem iniciativas que sustentem essas mulheres nesses espaços. De nada adianta abrir as portas se, lá dentro, não há políticas de flexibilidade de horário, trabalho híbrido, apoio à maternidade e à parentalidade.

Muitas vezes, me perguntam: “Mas, Kátia, quando a empresa cria condições diferenciadas para as mulheres, ela não está reforçando a desigualdade?”



Eu respondo que não. O que ela está fazendo é reconhecer que, culturalmente, essas mulheres enfrentam condições desiguais. E, para desigualdades, o que precisamos são políticas diferenciadas, não para favorecer, mas para equilibrar o jogo.

E isso também aparece de forma muito evidente quando a gente fala sobre mulheres no empreendedorismo. Esse movimento vem crescendo de forma expressiva. Recentemente, tive acesso a um dado que mostra que mais de 65% das iniciativas empreendedoras no Brasil são lideradas por mulheres. É claro que, quando olhamos com mais detalhe, percebemos que grande parte dessas iniciativas está concentrada em nichos específicos e muitas vezes o empreendedorismo surge por necessidade, por sobrevivência.

Ao conversar com essas mulheres, a gente observa relatos muito semelhantes: elas buscam no empreendedorismo uma forma de equilibrar o cuidado com os filhos, a gestão da casa, a sustentação da família e, ao mesmo tempo, o desejo de realização profissional.

Mesmo entre aquelas que não têm filhos, aparece com força a busca por autonomia e flexibilidade, o que o trabalho tradicional nem sempre oferece. E isso mostra o quanto nossa cultura ainda associa o cuidado ao papel feminino. Quando a gente admite que muitas mulheres empreendem por não conseguirem conciliar carreira e maternidade sob a lógica da CLT, estamos, de certa forma, reforçando que “cuidar é papel da mulher”.

Se houvesse corresponsabilidade real, essa escolha entre carreira e cuidado não recairia apenas sobre elas. Mais recentemente, vivi uma situação que ilustra bem esse ponto. Em uma turma de MBA, ouvi de executivos de grandes empresas, empresas que têm, inclusive, discursos muito alinhados à responsabilidade social, frases como:

“Professora, eu evito contratar mulher porque a área é muito desafiadora, e se ela

engravidar vai ficar afastada pelo menos quatro meses.”

E a gente ouve isso em pleno 2025. Isso mostra o quanto ainda precisamos avançar. O discurso da igualdade está mais presente, mas a prática ainda carrega resquícios de uma cultura que coloca a mulher numa posição secundária. E enquanto não houver uma mudança de mentalidade coletiva, nas empresas, nas famílias e nas políticas públicas, a equidade de fato continuará sendo um desafio.”



Apêndice: Empregos Formais por município, ES, 2024*

Município	Homens		Mulheres		Total		Participação Feminina	Diferença salarial**
	Vínculos	Remuneração	Vínculos	Remuneração	Vínculos	Remuneração		
Afonso Cláudio	1.437	R\$ 2.612	1.198	R\$ 2.072	2.635	R\$ 2.364	45,50%	-20,70%
Água Doce do Norte	431	R\$ 2.534	196	R\$ 1.905	627	R\$ 2.317	31,30%	-24,80%
Águia Branca	485	R\$ 2.828	272	R\$ 1.955	757	R\$ 2.506	35,90%	-30,80%
Alegre	1.421	R\$ 2.263	1.435	R\$ 1.998	2.856	R\$ 2.127	50,20%	-11,70%
Alfredo Chaves	2.031	R\$ 3.026	1.002	R\$ 2.734	3.033	R\$ 2.927	33,00%	-9,70%
Alto Rio Novo	195	R\$ 2.177	106	R\$ 1.855	301	R\$ 2.061	35,20%	-14,80%
Anchieta	4.242	R\$ 4.011	1.765	R\$ 2.981	6.007	R\$ 3.711	29,40%	-25,70%
Apiacá	272	R\$ 2.248	139	R\$ 2.102	411	R\$ 2.199	33,80%	-6,50%
Aracruz	21.515	R\$ 4.597	8.813	R\$ 2.946	30.328	R\$ 4.105	29,10%	-35,90%
Atílio Vivácqua	2.127	R\$ 2.801	744	R\$ 2.121	2.871	R\$ 2.628	25,90%	-24,30%
Baixo Guandu	2.949	R\$ 2.844	1.574	R\$ 2.218	4.523	R\$ 2.620	34,80%	-22,00%
Barra de São Francisco	4.210	R\$ 3.134	2.377	R\$ 2.271	6.587	R\$ 2.812	36,10%	-27,60%
Boa Esperança	1.063	R\$ 2.209	589	R\$ 2.074	1.652	R\$ 2.160	35,70%	-6,10%
Bom Jesus do Norte	836	R\$ 2.245	390	R\$ 1.856	1.226	R\$ 2.124	31,80%	-17,40%
Brejetuba	607	R\$ 2.408	287	R\$ 1.914	894	R\$ 2.247	32,10%	-20,50%
Cachoeiro de Itapemirim	28.511	R\$ 3.240	18.777	R\$ 2.824	47.288	R\$ 3.073	39,70%	-12,80%
Cariacica	38.945	R\$ 3.077	22.472	R\$ 2.485	61.417	R\$ 2.856	36,60%	-19,20%
Castelo	4.305	R\$ 2.973	3.122	R\$ 2.317	7.427	R\$ 2.697	42,00%	-22,10%
Colatina	17.782	R\$ 3.250	13.792	R\$ 2.672	31.574	R\$ 2.994	43,70%	-17,80%
Conceição da Barra	2.408	R\$ 3.292	658	R\$ 2.095	3.066	R\$ 3.030	21,50%	-36,40%
Conceição do Castelo	821	R\$ 2.356	429	R\$ 2.135	1.250	R\$ 2.280	34,30%	-9,40%
Divino de São Lourenço	179	R\$ 2.209	96	R\$ 1.780	275	R\$ 2.058	34,90%	-19,40%
Domingos Martins	3.803	R\$ 2.917	2.557	R\$ 2.398	6.360	R\$ 2.705	40,20%	-17,80%
Dores do Rio Preto	390	R\$ 2.438	223	R\$ 2.110	613	R\$ 2.318	36,40%	-13,50%
Ecoporanga	1.392	R\$ 2.683	615	R\$ 2.056	2.007	R\$ 2.492	30,60%	-23,40%
Fundão	2.364	R\$ 2.722	983	R\$ 2.227	3.347	R\$ 2.576	29,40%	-18,20%
Governador Lindenberg	531	R\$ 3.073	285	R\$ 2.151	816	R\$ 2.744	34,90%	-30,00%
Guaçuí	2.147	R\$ 2.330	1.752	R\$ 2.128	3.899	R\$ 2.239	44,90%	-8,70%
Guarapari	13.218	R\$ 2.656	10.384	R\$ 2.294	23.602	R\$ 2.494	44,00%	-13,60%
Ibatiba	1.271	R\$ 2.286	1.015	R\$ 1.914	2.286	R\$ 2.112	44,40%	-16,30%
Ibiraçu	2.003	R\$ 3.206	883	R\$ 2.258	2.886	R\$ 2.903	30,60%	-29,60%
Ibitirama	264	R\$ 2.231	197	R\$ 2.008	461	R\$ 2.133	42,70%	-10,00%
Iconha	2.841	R\$ 4.209	914	R\$ 2.245	3.755	R\$ 3.719	24,30%	-46,70%
Irupi	388	R\$ 2.298	344	R\$ 1.883	732	R\$ 2.099	47,00%	-18,00%
Itaguaçu	658	R\$ 2.721	483	R\$ 2.176	1.141	R\$ 2.485	42,30%	-20,00%
Itapemirim	2.978	R\$ 2.714	3.440	R\$ 3.076	6.418	R\$ 2.916	53,60%	13,30%
Itarana	1.460	R\$ 3.045	469	R\$ 2.489	1.929	R\$ 2.909	24,30%	-18,30%
Iúna	1.569	R\$ 2.492	1.322	R\$ 2.087	2.891	R\$ 2.302	45,70%	-16,20%
Jaguaré	2.613	R\$ 3.657	1.431	R\$ 2.651	4.044	R\$ 3.299	35,40%	-27,50%
Jerônimo Monteiro	427	R\$ 2.182	317	R\$ 1.985	744	R\$ 2.096	42,60%	-9,00%
João Neiva	2.128	R\$ 3.568	987	R\$ 2.358	3.115	R\$ 3.157	31,70%	-33,90%

Município	Homens		Mulheres		Total		Participação Feminina	Diferença salarial**
	Vínculos	Remuneração	Vínculos	Remuneração	Vínculos	Remuneração		
Laranja da Terra	333	R\$ 2.198	210	R\$ 2.022	543	R\$ 2.129	38,70%	-8,00%
Linhares	30.117	R\$ 3.489	19.504	R\$ 2.563	49.621	R\$ 3.120	39,30%	-26,50%
Mantenedópolis	328	R\$ 2.252	222	R\$ 1.895	550	R\$ 2.110	40,40%	-15,80%
Marataízes	3.010	R\$ 2.286	2.387	R\$ 1.981	5.397	R\$ 2.148	44,20%	-13,30%
Marechal Floriano	2.185	R\$ 2.600	1.496	R\$ 2.068	3.681	R\$ 2.383	40,60%	-20,40%
Marilândia	1.085	R\$ 2.352	657	R\$ 2.071	1.742	R\$ 2.246	37,70%	-11,90%
Mimoso do Sul	1.548	R\$ 2.663	905	R\$ 2.440	2.453	R\$ 2.578	36,90%	-8,40%
Montanha	2.156	R\$ 2.436	1.032	R\$ 2.303	3.188	R\$ 2.393	32,40%	-5,50%
Mucurici	445	R\$ 2.216	92	R\$ 1.921	537	R\$ 2.162	17,10%	-13,30%
Muniz Freire	943	R\$ 2.418	619	R\$ 2.069	1.562	R\$ 2.278	39,60%	-14,40%
Muqui	648	R\$ 2.500	408	R\$ 2.265	1.056	R\$ 2.408	38,60%	-9,40%
Nova Venécia	5.270	R\$ 2.992	3.410	R\$ 2.333	8.680	R\$ 2.732	39,30%	-22,00%
Pancas	769	R\$ 2.226	420	R\$ 1.943	1.189	R\$ 2.122	35,30%	-12,70%
Pedro Canário	2.578	R\$ 2.894	739	R\$ 2.047	3.317	R\$ 2.632	22,30%	-29,30%
Pinheiros	2.710	R\$ 2.813	1.380	R\$ 2.269	4.090	R\$ 2.628	33,70%	-19,30%
Piúma	1.715	R\$ 2.585	1.157	R\$ 2.066	2.872	R\$ 2.376	40,30%	-20,10%
Ponto Belo	363	R\$ 2.178	105	R\$ 1.791	468	R\$ 2.086	22,40%	-17,70%
Presidente Kennedy	754	R\$ 2.586	281	R\$ 2.520	1.035	R\$ 2.567	27,10%	-2,50%
Rio Bananal	1.296	R\$ 2.313	792	R\$ 2.152	2.088	R\$ 2.250	37,90%	-7,00%
Rio Novo do Sul	867	R\$ 2.931	463	R\$ 2.237	1.330	R\$ 2.682	34,80%	-23,70%
Santa Leopoldina	450	R\$ 2.377	282	R\$ 2.430	732	R\$ 2.398	38,50%	2,20%
Santa Maria de Jetibá	4.550	R\$ 2.663	3.504	R\$ 2.185	8.054	R\$ 2.454	43,50%	-17,90%
Santa Teresa	2.195	R\$ 2.702	1.773	R\$ 2.413	3.968	R\$ 2.574	44,70%	-10,70%
São Domingos do Norte	942	R\$ 3.677	366	R\$ 2.663	1.308	R\$ 3.392	28,00%	-27,60%
São Gabriel da Palha	3.001	R\$ 2.435	2.949	R\$ 2.059	5.950	R\$ 2.246	49,60%	-15,40%
São José do Calçado	551	R\$ 2.287	214	R\$ 2.262	765	R\$ 2.280	28,00%	-1,10%
São Mateus	14.419	R\$ 3.051	9.431	R\$ 2.319	23.850	R\$ 2.757	39,50%	-24,00%
São Roque do Canaã	1.105	R\$ 2.333	566	R\$ 2.019	1.671	R\$ 2.224	33,90%	-13,50%
Serra	104.911	R\$ 3.824	55.414	R\$ 2.849	160.325	R\$ 3.490	34,60%	-25,50%
Sooretama	2.991	R\$ 2.541	1.747	R\$ 2.079	4.738	R\$ 2.368	36,90%	-18,20%
Vargem Alta	2.172	R\$ 3.124	960	R\$ 2.319	3.132	R\$ 2.873	30,70%	-25,80%
Venda Nova do Imigrante	2.873	R\$ 2.909	2.399	R\$ 2.573	5.272	R\$ 2.755	45,50%	-11,50%
Viana	15.503	R\$ 3.192	5.460	R\$ 2.503	20.963	R\$ 3.011	26,00%	-21,60%
Vila Pavão	403	R\$ 2.520	173	R\$ 2.031	576	R\$ 2.358	30,00%	-19,40%
Vila Valério	1.119	R\$ 2.284	572	R\$ 2.076	1.691	R\$ 2.213	33,80%	-9,10%
Vila Velha	59.821	R\$ 3.082	56.929	R\$ 2.568	116.750	R\$ 2.832	48,80%	-16,70%
Vitória	89.601	R\$ 5.378	77.563	R\$ 3.574	167.164	R\$ 4.532	46,40%	-33,50%
Grande Vitória***	324.363	R\$ 3.941	229.205	R\$ 2.849	553.568	R\$ 3.530	41,40%	-27,70%
Interior	220.581	R\$ 3.199	136.210	R\$ 2.481	356.791	R\$ 2.920	38,20%	-22,40%
Espírito Santo	544.944	R\$ 3.637	365.415	R\$ 2.773	910.359	R\$ 3.287	40,10%	-23,80%

Fonte: RAIS 2024 Parcial/MTE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

*Remuneração Média Real no ano.

**Remuneração da Mulher em relação a do Homem.

***Calculou-se a média ponderada dos salários médios dos municípios da RMGV e do Interior.

Notas

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua/IBGE) é uma pesquisa realizada através de uma amostra de domicílios e destina-se a produzir informações sobre a inserção da população na força de trabalho.

A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE) reúne informações sobre todos os vínculos formais de emprego com carteira assinada no Brasil.

Já o Painel de Informações do Trabalho Doméstico (MTE) é uma plataforma que apresenta dados detalhados sobre os trabalhadores domésticos registrados formalmente.

¹Acesse o estudo em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf

²Acesse o estudo em: https://www.b3.com.br/data/files/33/13/72/BD/D7F2581º-F534EB48AC094EA8/Book_MulheresEmAcoes-CA2022_Dezembro2022%20_1_.pdf

³Acesse o estudo em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias-regionalizadas/igualdade-salarial/º-relatorio-de-transparencia/diferenca-entre-salario-de-homens-e-mulheres-recua-º-72-no-espírito-santo#:~:text=Desde%20a%20%C3%BAltima%20pesquisa%2C%2ºem,%204.184%2C%2ºdos%2ºhomens.>

⁴Fonte: <https://es.agenciasebrae.com.br/dados/empreendedorismo-feminino-maternidade-influenciou-64-das-mulheres-que-abriram-um-negocio-no-es/> ; <https://datasebrae.com.br/empreendedorismofeminino/#relatorios>

⁵Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>

⁶Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm

⁷Acesse o estudo completo em: <https://es.lojavirtualebrae.com.br/loja/biblioteca-digital/854-pesquisa-empreendedorismo-feminino-capixaba>

⁸Leia mais em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/artigos/5-barreiras-comuns-enfrentadas-por-mulheres-no-empreendedorismo,859ccfe35d7d4910VgnVCM1000001b00320aRCRD>

EXPEDIENTE: Presidente do Sistema Fecomércio-ES/Sesc/Senac: Idalberto Luiz Moro | Diretor Sesc-ES: Luiz Henrique Toniato | Diretor Senac-ES: Richardson Schmittel | Superintendente Fecomércio-ES: Wagner Corrêa | Diretor de Relações Institucionais Fecomércio-ES: Cezar Wagner Pinto | Equipe Connect Fecomércio-ES: André Spalenza : Karina Tonini : Felipe Montini : Eduarda Gripp : Gercione Dionizio : Paulo Rody : Samuel O. Cabral : Ryan Procopio : João Guimarães | Tel.: 3205-0706 | www.fecomercio-es.com.br